

ANAIS DE EVENTO

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

A II Jornada Científica da Educação Física 2017, propõe-se apresentar uma temática relevante a respeito dos vários objetos de estudo da Educação Física e suas diferentes interfaces na construção do conhecimento epistemológico em diálogo com a formação inicial, continuada e o mundo do trabalho. Buscando possibilitar diálogos e discussões de maneira a ampliar a produção científica referente aos seus vários objetos de estudo.

Este evento preencheu uma lacuna do curso cinquentenário de Licenciatura em Educação Física da ESEFFEGO, pois nos últimos anos nos privamos de um espaço acadêmico/ científico para socializar a produção do conhecimento elaborada por nossos/as pesquisadores/as dos segmentos docente, discente e egressos. O intervalo de alguns anos criou um vácuo que tem sido sentido por esta Comunidade Acadêmica. Assim, propõe-se promover o diálogo com pesquisadores de outras IES goianas e de outros Estados, mas em especial com nossos pares dos demais cursos de graduação em Educação Física da UEG (Quirinópolis, Porangatu e Itumbiara). Esta interação institucional se fez relevante pela necessária aproximação entre docentes e discentes desses cursos que pouco dialoga sobre os seus projetos curriculares e experiências no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. Para isso, destacou-se para um tema muito atual da Educação Física brasileira que enfrenta um concreto processo de dualidade na sua formação, entre licenciatura e bacharelado, problema que se instala nos espaços de intervenção profissional e cria interfaces inevitáveis com a formação.

Os objetivos do evento foram compreender a Educação Física e seus vários objetos de estudo, bem como suas diferentes interfaces na construção do conhecimento epistemológico em diálogo com a formação inicial, continuada e o mundo do trabalho. Estimular reflexões a respeito da Educação Física e seus vários objetos de estudo; proporcionar momentos de discussões e esclarecimentos no que se refere aos vários objetos de estudo da Educação Física, Socializar a produção do conhecimento elaborada por nossos/as pesquisadores/as dos segmentos docente, discente e egressos; promover o diálogo com pesquisadores de outras IES goianas e de outros Estados.

A Jornada Científica de Educação Física da ESEFFEGO/UEG foi organizada pelo coletivo de professores, com mesas de debate cuja temática envolveu diálogos com o tema do evento, espaços de discussões dos projetos de pesquisa e extensão em andamento ou finalizados no ano de 2017; rodas de conversas e institucionais. Os minicursos oferecidos no evento sobre diferentes temáticas envolveram egressos da instituição que estão atuando em diferentes espaços. Por fim, os trabalhos científicos que foram apresentados em formato de comunicação oral. Vinculados a cinco Grupos de Trabalho Temáticos (GTTs) do evento: GT 01: Educação Física e Contexto Escolar, GT 02: Educação Física e Culturas, GT 03: Educação Física, Esporte e Lazer, GT 04: Educação Física e Saúde, GT 05: Formação e Intervenção Profissional.

Comissão Organizadora

EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA CORPORAL: EXPLICITANDO RELAÇÕES

Bárbara Isabela Soares de Souza

Mestra em Educação Física – PPGEF/UnB - barbaraiss@hotmail.com.

Palavras-chave: Educação Física; Cultura Corporal; Abordagem Crítico-Superadora.

Introdução

O campo da Educação Física brasileira experimentou, a partir de 1980, um significativo movimento de questionamento, caracterizado por três características: primeiro, a ampliação do diálogo com as Ciências Humanas e Sociais; segundo, a contestação à hegemonia exercida pelo positivismo e pela concepção biologicista de corpo e ser humano; e, terceiro, pela reivindicação de um caráter pedagógico que permitisse à Educação Física intervir a favor de uma formação humana emancipadora. Neste contexto de questionamentos, tem gênese a obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”, posteriormente denominada como Abordagem Crítico-Superadora, elaborada por um coletivo de autores que buscava propor uma nova sistematização da Educação Física para o contexto escolar, possuindo como ponto de partida os três pilares que incitaram o movimento de questionamento do campo. Estes autores defendem que o objeto de estudo e intervenção da Educação Física é a Cultura Corporal, caracterizada pelo Esporte, a Dança, as Lutas, a Ginástica, os Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – entre outros –, os quais são compreendidos como conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados pela humanidade. Neste ínterim, a referida obra tem sido referência para pensar e organizar o trabalho do professor de Educação Física no contexto escolar, fazendo com que o conceito de “Cultura Corporal” seja amplamente utilizado. Compreendemos que isto constitui-se, por um lado, como um relevante avanço para o campo, tendo em vista que esta concepção de Educação Física objetiva contribuir para uma formação humana emancipada. Por outro lado, compreendemos que o real sentido teórico e epistemológico do conceito de “Cultura Corporal” tem sido historicamente perdido, fazendo com que o mesmo seja utilizado de forma irrefletida. Mediante isto, o objetivo deste breve estudo é explicitar a base teórica e epistemológica que sustenta o conceito de “Cultura Corporal”, apresentando conceitos inerentes ao tema.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um estudo teórico, cuja realização exigiu a apropriação da teoria social de Karl Marx, a Psicologia Histórico Cultural, a Pedagogia Histórico-Crítica e a Abordagem Crítico-Superadora referente ao campo da Educação Física.

A base teórico-epistemológica que orienta a Abordagem Crítico-Superadora

Como mencionamos anteriormente, o movimento de questionamento da Educação Física brasileira esteve marcado, dentre outras questões, por uma ampliação do diálogo com as Ciências Humanas e Sociais. Esta ampliação ocorreu, sobretudo, mediante a apropriação da teoria social de Karl Marx, da teoria crítica da Escola de Frankfurt e da teoria Fenomenológica-Hermenêutica, cujos conceitos e categorias tornaram-se base teórico-epistemológica para o surgimento de discussões que versam sobre o papel social da Educação Física e o objeto de estudo deste campo. A Abordagem Crítico-Superadora está fundamentada na teoria social de Karl Marx, defendendo, portanto, uma concepção metodológica de ensino da Educação Física pautada nesta teoria, com uma concepção de educação e um projeto histórico de sociedade definidos, isto é, uma formação humana integral e a superação da sociedade de classes.

Além disso, cabe destacar que a Abordagem Crítico-Superadora, assim como as demais teorias que tratam sobre a educação, está fundamentada em uma perspectiva pertencente ao campo da Psicologia, denominada como Psicologia Histórico Cultural, cujos representantes centrais são Lev. Vygotsky, Alexei Leontiev e Alexander Luria. Segundo Rego (2014), estes autores, partindo da teoria social de Karl Marx, elaboraram uma compreensão revolucionária sobre o psiquismo e o desenvolvimento humano ao defenderem que as características humanas são resultado da interação dialética do ser humano e o seu contexto sociocultural. Por último, compreendemos ser relevante mencionar que a abordagem em questão também está fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica, representada por Dermeval Saviani e Newton Duarte, em que há um significativo acúmulo teórico sobre as relações entre a educação e a sociedade de classes, concedendo-nos princípios para a construção de uma práxis voltada para a formação humana integral. Desta forma, para tratarmos sobre o conceito de "Cultura Corporal" é necessário compreendermos que este não se constitui como algo simplório e/ou raso de significado, mas como um conceito teoricamente, epistemologicamente e metodologicamente fundamentado. Objetivando explicitar brevemente a complexidade deste objeto de estudo da Educação Física, abordaremos sobre conceitos que são caros às teorias supracitadas. O primeiro conceito a ser tratado é o de "ser social", posto que as teorias que embasam o conceito de "Cultura Corporal" se apropriam de uma concepção ontológica de ser humano, em que há uma preocupação em explicitar o processo histórico de gênese, desenvolvimento e complexificação da humanidade. Nesta perspectiva, o ser humano constitui-se enquanto ser social por caracterizar-se como produto e produtor de sua sociabilidade. Isto significa afirmarmos que as características corpóreas e psicológicas do ser humano são resultado de um processo histórico de transformação de si, em consequência da transformação da natureza. Isto nos leva ao segundo conceito a ser tratado: "trabalho".

Ao tratarmos sobre o conceito de trabalho estamos abordando sobre um dos conceitos de maior relevância na teoria social de Karl Marx. Segundo este autor, a sociedade humana tem no trabalho sua centralidade ontológica, posto que foi através do intercâmbio com a natureza e da transformação da mesma, que o ser humano desenvolveu as condições necessárias para a sobrevivência e perpetuação do gênero humano, instaurando-se como um ser essencialmente

sociocultural. Desta forma, ao realizar modificações na natureza externa e inorgânica para satisfazer suas necessidades básicas – alimentação, vestimenta, abrigo, entre outras –, o ser humano engendrou, concomitantemente, modificações em sua natureza orgânica, desenvolvendo suas potências até o momento adormecidas (MARX, 1982). Estas potências dizem respeito ao desenvolvimento de características tipicamente humanas, cujas especificidades fizeram-se presentes tanto na materialidade corpórea do ser humano, quanto no seu psiquismo.

As modificações promovidas na materialidade corpórea do ser humano estão relacionadas às transformações internas e externas engendradas em seu corpo, isto é, as transformações referentes ao seu metabolismo e aos órgãos internos, bem como, a postura corporal historicamente adotada pelo ser humano. Segundo Engels (1876), este processo de complexificação da materialidade corpórea humana iniciou-se com a adoção de uma postura bípede e a liberação das mãos para a manipulação de objetos, permitindo que a transformação da natureza pelo trabalho também alcançasse níveis cada vez mais complexos. Isto, por sua vez, permitiu a elaboração de instrumentos mais sofisticados que possibilitaram ao ser humano desenvolver a caça e a pesca. A alimentação com carne favoreceu novos elementos químicos ao metabolismo e ao cérebro humano, possibilitando-o receber maiores quantidades das substâncias necessárias ao seu desenvolvimento e, além disso, promoveu a domesticação de animais e o uso do fogo. Neste ínterim, na medida em que surgiam novas necessidades, o ser humano desenvolvia também novas atividades corporais, como o saltar, o rolar, o trepar, o arremessar, o correr, o balançar e o jogar, as quais também se aprimoraram historicamente, dando origem à formas mais sofisticadas destas atividades, como o Esporte, a Dança, as Lutas, a Ginástica, as Práticas Corporais de Aventura, os Jogos, Brinquedos e Brincadeiras, dentre outros.

Por esta razão, o Coletivo de Autores (1992) afirma que:

A espécie humana não tinha, na época do homem primitivo, a postura corporal do homem contemporâneo. Aquele era quadrúpede e este é bípede. A transformação ocorreu ao longo da história da humanidade, como resultado da relação do homem com a natureza e com os outros homens. O erguer-se, lenta e gradualmente, até a posição ereta corresponde a uma resposta do homem aos desafios da natureza. Talvez necessitou retirar os frutos da árvore para se alimentar, construindo uma atividade corporal nova: "ficar de pé" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39).

E, ainda, afirma que:

É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 40).

Portanto, para a Abordagem Crítico-Superadora, esta materialidade corpórea historicamente desenvolvida e complexificada constitui-se como a Cultura Corporal. Na medida em que sua composição corporal do ser humano era modificada, transformava-se dialeticamente sua condição psíquica, desenvolvendo funções psicológicas mais complexas, distintas dos processos psicológicos elementares referentes animais. Estas funções psicológicas foram denominadas pela Psicologia Histórico Cultural de “funções psicológicas superiores”, representadas pelas capacidades de planejamento, percepção, abstração, generalização, prévia-ideação, memória, controle do próprio comportamento, dentre outros. Isto significa afirmarmos que “[...] o desenvolvimento mental humano não é dado *a priori*, não é imutável e universal, não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana” (REGO, 2014, p. 43), constituindo-se, portanto, como uma condição psíquica historicamente desenvolvida mediante a relação humana com o contexto sociocultural.

Estas transformações relacionadas à composição corporal e psíquica do ser humano, bem como, à estrutura social em que o mesmo estava inserido, tornaram-se conquistas históricas pertencentes à humanidade, compondo, portanto, um patrimônio cultural. Isto nos remete ao terceiro e quarto conceitos a serem aqui contemplados, a saber: “gênero humano” e “cultura humana”. De acordo com Macário (2013), o gênero humano caracteriza-se pela sobreposição dos determinantes sociais aos condicionantes naturais, tanto no que concerne às peculiaridades corporais e psíquicas do próprio ser humano, quanto no que concerne aos aspectos que compõe a sociedade. Nesta mesma perspectiva, Duarte (2006) afirma que a cultura humana se constitui como toda riqueza material e intelectual produzida pelo gênero humano, explicitando, portanto, a relação existente entre estes conceitos. Mediante isto, podemos afirmar que a Cultura Corporal corresponde a uma dimensão desta cultura humana, sendo, portanto, produto histórico do processo de trabalho do gênero humano.

Como mencionamos anteriormente, o ser humano tornou-se ser social, desenvolvendo através do trabalho todas as características até o momento aqui tratadas. As novas gerações também precisam se apropriar das características do gênero humano e de toda riqueza da cultura humana para que se tornem seres sociais e, em consequência disso, deem continuidade ao processo de complexificação da humanidade. Segundo Saviani (2012), o papel de socializar estas características às novas gerações foi dado à educação, sobretudo, à educação institucionalizada. Por esta razão, este autor afirma que “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens [...]” (SAVIANI, 2012, p. 21), isto é, o papel social da educação é possibilitar a todos os indivíduos que pertencem ao gênero humano, a apropriação das características específicas a este gênero, bem como, a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, a cultura humana.

Nesta perspectiva, o papel social do professor é proporcionar a estes indivíduos, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados

pela humanidade, oportunizando-os a apropriação das diversas dimensões que compõe a cultura humana. Para além disso, o papel social do professor é garantir que o acesso a estes conhecimentos esteja acompanhado de uma leitura crítica das características e contradições que compõe a realidade concreta. Seguindo esta concepção, a Abordagem Crítico-Superadora defende que o papel social do professor de Educação Física é possibilitar a apropriação dos conhecimentos referentes à Cultura Corporal. Contudo, este papel social não se limita à socialização do âmbito técnico e corporal desta dimensão da cultura humana, mas diz respeito, sobretudo, à criação de condições para que os indivíduos compreendam os determinantes sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos e estéticos que permeiam estes conhecimentos. Portanto, para esta abordagem de ensino da Educação Física,

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas eu venham a compor um programa da Educação Física, têm com os grandes problemas sociopolíticos atuais, como ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. [...] Isso quer dizer que cabe à escola promover a apreensão da prática social [...] (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 63).

Em termos de finalização deste estudo, damos destaque ao projeto histórico de sociedade defendido pela Abordagem Crítico-Superadora, posto que a mesma, ao pautar-se na teoria social de Karl Marx para realizar uma proposta de ensino da Educação Física, objetiva intervir na materialidade concreta para a superação da sociedade de classes. Esta intervenção, por sua vez, ocorre mediante a socialização do patrimônio cultural da humanidade à classe trabalhadora, possibilitando-a analisar criticamente as características e contradições da sociedade em que está inserida. Portanto, esta abordagem defende “[...] uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 63).

Conclusão

Este estudo buscou explicitar brevemente a base teórico-epistemológica que sustenta o conceito de “Cultura Corporal” pertencente à Abordagem Crítico-Superadora referente ao campo da Educação Física, a saber: teoria social de Karl Marx, Psicologia Histórico Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica. Para isso, foram apresentados conceitos caros a esta base, demonstrando como os mesmos auxiliam na construção das concepções desta abordagem, sobretudo, as concepções que dizem respeito ao papel social da Educação Física e seu objeto de estudo. Mediante isto, foi possível resgatar o significado teórico-epistemológico do conceito de “Cultura Corporal”, o qual constitui-se como uma dimensão da cultura sistematizada e acumulada pela humana, produto do trabalho histórico realizado pelo gênero humano. Salientamos que este estudo é insuficiente para

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

o devido aprofundamento nestes conceitos, caracterizando-se como ponto de partida para tal discussão.

Referências

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DUARTE, Newton. **Vygotsky e o “aprender a aprender”**: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da **teoria vygotskiana**. Campinas: Autores Associados, 2011.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do símio em homem**. 1876.

MACÁRIO, Epitácio. Práxis, gênero humano e natureza. Notas a partir de Marx, Engels e Lukács. **Serv. Soc. Soc.** São Paulo, n. 113, p. 171-191, jan./mar. 2013.

MARX, Karl. Prefácio. Crítica da Economia Política. In: **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1992.

REGO, Teresa Cristina. **VYGOTSKY: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRINCAR, EXPERIMENTAR, APRENDER E ENSINAR – DIÁLOGOS ENTRE A DANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosirene Campêlo dos Santos¹, Luan Eugênio Cirqueira Silva², Raynara Rodrigues da Cruz da Silva², Taisa Rocha Gomes da Silva², Vanna Lara Alves dos Santos².

1- Mestre – Campus Goiânia ESEFFEGO/UEG – rosi.dance14@gmail.com.

2- Acadêmico de Educação Física – Campus Goiânia ESEFFEGO/UEG.

Palavras chave: Dança; Educação Infantil; Pesquisa; Intervenções.

Introdução

Este texto é a materialização de estudos, pesquisas e intervenções realizadas a partir da parceria entre o Projeto de Pesquisa “Dança na Educação Infantil: caminhos e possibilidades” e o Centro Municipal de Educação Infantil “Viver a Infância” *l*ócus de nossa pesquisa e ações. Os objetivos que nortearam o projeto foram: a) Compreender as diferentes possibilidades da dança na Educação Infantil, b) Ampliar o olhar para o ensino da dança na educação infantil e c) Pensar e propor as intervenções a partir do jogo corporais, das brincadeiras dançantes e brinquedo cantado de forma lúdica e criativa.

Para realização efetiva das ações utilizamos da pesquisa social do tipo qualitativa, devido à mesma, responder a questões muito particulares, que se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, analisando a realidade de forma aprofundada, crítica e subjetiva, devido a grande interação que se tem entre sujeito e objeto. Mas ela é fundamental, porque analisa os processos e não apenas os resultados e o produto (TRIVIÑOS, 1987, p. 129). Quanto às técnicas utilizadas na pesquisa, centramos nossa atenção na descrição dos dados, com registro das informações em diário de campo e entrevistas semiestruturada, com gestores, professores e conversas informais com as crianças.

O cenário da educação infantil e dança

No que refere a Educação Infantil no Brasil, temos a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9394/96, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), a Diretrizes Curriculares Nacionais a Educação Infantil que supre o RCNEI e recentemente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) documentos estes que reconhecem os direitos da criança à saúde, alimentação, moradia, bem estar físico e emocional e o direito a educação, desde os primeiros anos de vida.

Tais documentos são importantes para garantir o direito conquistado pelas crianças, que atualmente também é garantido aos homens e mulheres, pais e mães de família. Esse direito está referendado na Constituição de 1988, art. 7, que cita que “os trabalhadores (homens e mulheres) tem o direito a assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade em creches e pré-escolas”. Cabe lembrar que tais direitos foram conquistados pelas

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

mulheres trabalhadoras, que lutaram para terem um lugar para poder deixar os seus filhos, devido seu ingresso no mercado de trabalho.

Assim sendo, a criança na Educação Infantil deve ser entendida de maneira singular e diferente do ambiente escolar, tendo suas necessidades e desenvolvimentos contemplados, tornando-se assim sujeitos únicos, históricos, críticos e sociais que estão inseridos em uma cultura e que devem ser educados para autonomia e emancipação.

Embora se tenha disponível um vasto e significativo conhecimento teórico e complexo sobre a infância, ainda persiste as dificuldades dos professores em lidar com a faixa etária do zero aos seis anos.

O século XX foi promissor na produção de conhecimentos que contribuíram para a compreensão da infância. Destaca o entendimento de que as visões que se tem sobre a infância variam conforme o grupo social e o momento histórico, a necessidade de pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre as crianças em diferentes contextos e a importância de atuar, considerando essa diversidade. (FILHO; SCHNEIDER, 2008, p. 57).

No que se refere à dança podemos verificar que esta, seja dentro da educação física escolar ou ainda fazendo parte de um contexto extracurricular, a mesma, se faz presente na organização de atividades pedagógicas como componente da corporeidade, oportunizando a criança experimentar e vivenciar elementos que fazem parte da cultura corporal, "ampliando a sua sensibilidade e sua cultura corporal". (FILHO; SCHNEIDER, 2008).

Dessa maneira, nota-se a importância do estudo do corpo associado à dança, na qual mantiveram sempre juntas no processo histórico e na manifestação do ser humano enquanto ser constituído culturalmente. Do ponto de vista corporal, a dança é uma forma de integração e expressão individual e coletiva: exercitam-se a atenção, a percepção e a colaboração entre os participantes. Quem realiza a prática tem mais facilidade para construir a imagem do próprio corpo, o que é fundamental para o seu crescimento, maturidade do indivíduo e a formação de sua consciência social.

Metodologia

O Centro Municipal de Educação Infantil "Viver a Infância" no atual momento é nosso campo de pesquisa e intervenção, em que está sendo possível efetivar o projeto de pesquisa contemplando e compondo o tripé da UEG que é a pesquisa, o ensino e a extensão. O presente campo de pesquisa está localiza-se na região central da cidade de Goiânia, funciona em tempo parcial em dois turnos matutino e vespertino e atende em cada turno uma média de 250 crianças, sendo agrupadas por faixa etárias num total de 10 turmas por turno.

Para melhor conhecer o campo, inicialmente realizamos algumas observações, aplicamos questionários referentes às questões norteadoras da pesquisa com os professores e gestores do Cmei e também realizamos conversas informais com os professores das turmas para saber sobre os projetos que estavam realizando com suas respectivas turmas, para assim na medida do possível buscar dialogar a partir dessas temáticas.

Mediante as informações, nosso segundo passo foi conhecer e conversar com as crianças, e saber se elas gostavam de dançar e se movimentar, elas responderam animadas dizendo que sim, mas quando perguntamos o que elas gostavam de dançar algumas delas não sabiam responder sobre um tipo de dança específico, enquanto algumas diziam que gostavam de balé, ou de dançar quadrilha por exemplo, outras diziam que gostavam de dançar “Bem Dez e Princesa”, que são desenhos animados, elas até diziam que gostavam de dançar a música que passava no desenho/abertura do desenho, talvez o fato de quererem se movimentar enquanto se passa uma música em um desenho animado da qual gostam do ritmo, tenha as feito confundir ou não conseguir distinguir o que seria um tipo de dança com um ritmo de uma música. Mas isso, na infância é perfeitamente compreensível uma vez, que as crianças estão em uma fase de descobertas e construções de novos conhecimentos.

Para à realização das intervenções fizemos o uso de brincadeiras lúdicas e jogos corporais tornando as atividades atraentes e envolvendo as crianças de maneira significativa. A esse respeito Almeida (2013) enfatiza

Para um trabalho em dança, o jogo se configura como uma opção metodológica interessante e prazerosa para apresentar de maneira sistematizada os signos da dança. Por meio do jogo é possível a identificação do que está sendo ensinado, favorecendo a incorporação pelas crianças dos conceitos em dança de maneira divertida. (ALMEIDA, 2013, p. 46).

Neste sentido, destacamos uma entre as várias brincadeiras feitas durante as intervenções que foi o “imitar os bichos”, pois as atividades realizadas com essa brincadeira foi uma das que mais agradaram as crianças, neste tipo de brincadeira ficou nítido a animação, alegria e empolgação das crianças. Sendo este um momento em que todos participavam, era explícito o envolvimento das crianças, quando tinham que imitar um animal cujo nome era citado em uma determinada música, ou mesmo quando fizemos uma brincadeira em que era retirado o nome de um determinado animal dentro de uma caixa, todas as crianças imitavam e realmente se incorporavam no papel. “A criança tem uma grande capacidade de imaginação, ela finge ser algo e quase acredita que realmente é aquela coisa, mas ainda assim não perde o sentido da realidade” (HUIZINGA, 1993, p. 17).

Dentro as várias propostas realizadas, observamos um fator muito importante na participação das crianças, que foi a interação entre elas mesmas e entre elas e nós, quando estávamos participando junto com as crianças, elas se mostravam envolvidas e demonstravam grande animação para poder participar da aula, a esse respeito LIMA (2009) também cita sua participação como uma questão importante para a sua pesquisa quando diz: “outra questão importante foi a minha participação junto às brincadeiras das crianças, visto que é muito mais interessante para elas quando as professoras podem estar fazendo parte das brincadeiras e não somente ficar “dando ordens” (LIMA, 2009, p. 68).

Mediante a todas as ações desenvolvidas e observações verificamos o quanto é importante à interação e o estímulo à criança para que participem das atividades propostas, nas

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

primeiras aulas algumas crianças ficavam um pouco tímidas em participar das brincadeiras e das danças, mas com o decorrer das aulas foram aumentando sua participação e sua interação com os colegas.

As interações sociais também favorecem a internalização das regras, a sensibilidade ao ponto de vista do outro e o desenvolvimento de uma variedade de formas de comunicação para compreender seus sentimentos e os dos demais componentes do grupo. Com isso, aprendem a conversar, a negociar, a elaborar planos coletivos e utilizar formas serenas de expressão (ALMEIDA, 2013, p. 45).

Entendemos que por meio da dança foi possível oportunizar as crianças envolvidas no projeto de pesquisa, ampliar seu repertório de movimento, conhecimento do seu próprio corpo, consciência corporal no tempo e espaço, como também comunicação e expressividade por meio dos gestos e movimentos.

Resultados

Dentro dos resultados esperados estamos com parceria com o Projeto de Pesquisa intitulado Dançarelado: a práxis artístico-educativa em dança com crianças, coordenado pela pesquisadora e docente Fernanda de Souza Almeida, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, o Grupo Experimental de Dança do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, órgão ligado a Secretaria de Estado da Educação de Goiás, o Curso de Licenciatura em Música do Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia e CMEI Viver a Infância-SME.

Dando continuidade aos resultados do projeto realizamos: levantamento do conhecimento produzido em dança e educação infantil, possibilitando socializar, dialogar e compartilhar experiências; criamos um banco de dados com os materiais encontrados (artigos, livros, dissertações, teses); levantamento acerca de acervo musical sobressaindo bandas com propostas musicais pedagógicas como: Palavra Cantada, Grupo Parampampam, Badulaque, Grupo triii, Tiquequê, Grupo Cria entre outros.

Como parte importante dos resultados ressaltamos nossa participação e destacamos os seguintes trabalhos apresentados em eventos científicos:

- Reflexões da prática educativa da dança na Educação Infantil – VII Congresso de Ginástica para todos e Dança do Centro-oeste, 2017;
- Dança, Educação Física e Educação Infantil – IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão CEPE – 2017;
- Dança na Educação Infantil: primeiras aproximações - IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão CEPE – 2017.

Conclusão

Compreendemos que a proposta desenvolvida no projeto de pesquisa a respeito da dança na educação infantil, na medida do possível conseguiu atingir os objetivos elencados como norteadores de nossas ações no Centro Municipal de Educação Infantil “Viver a Infância”, pois

ANAIS DE EVENTO

conseguimos planejar nossas intervenções buscando dialogar com o referencial teórico adotado, como também em conformidade com o Projeto Político Pedagógico do CMEI.

Diante da pesquisa realizada, uma questão que nos chamou atenção foi o número de crianças com deficiência no CMEI, diante disso percebemos que ainda se faz necessário aos professores pensar suas ações e forma de lidar com estas crianças não apenas na educação infantil, mas em todas as fases do ensino em que elas se fizerem presentes. Neste sentido, a escola precisa ser um lugar em que se respeitem as individualidades, as heterogeneidades, os tempos de ensinar e aprender de cada um.

Tratar da dança na educação infantil constituiu-se de um momento de grandes reflexões, estudos, desafios e questionamentos, pois ao tratar a dança por meio dos jogos e brincadeiras dançantes favoreceu as crianças criar, experimentar, compreender de maneira significativa, criativa e alegre esta prática corporal milenar. Bem como, nos permitiu repensar nossa prática pedagógica a cada intervenção, rever ações e ampliar nosso conhecimento nesta área do conhecimento.

Referências

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Que dança é essa?** Uma proposta para a educação infantil. Dissertação de Mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2013.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular.** http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf, acesso em 10 de abril de 2017.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/wpcontent/uploads/2017/06/LivroECA_2017_v05_INTERNET.pdf acesso em 28 de abril de 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para Educação Infantil/** MINISTÉRIO da Educação e do Desporto. Brasília, DF. MEC/SEF, 1998.

FILHO, Nelson Faria de Andrade; Omar, SCHNEIDER. (Org.). **Educação física para a educação infantil: conhecimento e especificidade.** São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

LIMA, Eliane Cristina Pereira. **Que dança faz dançar a criança?** Investigando as possibilidades da Dança-Improvisação na Educação Infantil. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

JUVENTUDE, PRÁTICAS CORPORAIS E ENSINO MÉDIO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Thaís Ribeiro Montalvão¹, Márcio Ronan Trindade Alves de Oliveira², Ellen Geovana Gonçalves², Amanda Guiliani Teixeira², Kauã Pereira Borges², Gabriel Carvalho Bungenstab³.

- 1- Graduada na Licenciatura em Educação Física – UEG/ESEFFEGO – thaismontalvao@outlook.com_
- 2- Graduando na Licenciatura em Educação Física - UEG/ ESEFFEGO.
- 3- Doutor – UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.

Palavras-chave: Ensino médio; Educação física; Juventude; Práticas corporais.

Introdução

O presente trabalho advém do projeto de pesquisa intitulado “Juventude, práticas corporais e ensino médio” que é desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Goiânia – ESEFFEGO, o qual busca entender a forma que os estudantes do Ensino Médio, ao que tange a Rede Estadual de Ensino da cidade de Goiânia, têm experimentado as práticas corporais, partindo-se do ambiente escolar e de fora dele.

Para a elaboração deste trabalho, parte-se de uma necessidade concreta, materializada através de um levantamento realizado no banco de dados do portal da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior), a fim de compreender o Estado da Arte acerca das produções a nível *stricto sensu* relacionadas à Educação Física no Ensino Médio.

Vemos a sociedade brasileira hoje com seu futuro ameaçado (principalmente a nossa juventude) com as recentes aprovações de medidas postas pelo governo ilegítimo que afeta diretamente as classes sociais mais baixas da esfera da nossa sociedade. O atual governo expropria toda a classe trabalhadora e filhos de trabalhadores o acesso às práticas corporais dentro de um processo educativo organizado e sistematizado.

Neste sentido faz-se necessário compreender concreta e objetivamente como a juventude se relaciona com as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física dentro do âmbito escolar compostas pelos conteúdos da cultura corporal (jogo, esporte, lutas, dança, ginástica, atletismo, artes circenses), estas apontadas por Soares et. al (1992), e as experiências com as práticas corporais desenvolvidas fora do âmbito escolar, realizadas no dia-a-dia em espaços diversos sem o trato metodológico e pedagógico.

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa. Ou seja, busca de forma mais ampliada conhecer a essência do fenômeno social (HAGUETE, 1992 apud BUNGENSTAB, 2016, p. 22). O objetivo geral deste estudo é analisar o Estado da Arte das produções a nível *stricto sensu* acerca das práticas corporais no Ensino Médio, portanto, perpassando a Educação Física.

ANAIS DE EVENTO

Os dados foram obtidos através de pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES, onde foi digitada na barra de pesquisa a palavra chave "Ensino Médio" e encontrou-se 147.534 mil resultados. Para diminuir e refinar o número de resultados aplicamos o filtro por somente publicações feitas em instituições do Estado de Goiás, sendo elas: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Universidade Federal de Goiás (UFG).

Dessa maneira, os resultados diminuiriam para 2.774 mil publicações. Para restringir ainda mais a busca aplicamos o filtro "educação" dentro das áreas dos conhecimentos, dessa maneira conseguimos chegar ao resultado final de 618 publicações, dentre elas, selecionamos apenas aquelas que tinham como tema central a área da Educação Física e suas vertentes.

Resultados e Discussão

A partir da busca realizada no banco de teses e dissertações da CAPES, percebeu-se que haviam apenas 21 publicações pertencentes à área estudada, como mostra o a tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Relação entre Dissertações e Teses que tratam sobre Educação Física desenvolvidas em Goiânia entre 1997 a 2017

Ano de depósito	Dissertações	Teses
1997	1	-
2004	1	-
2005	2	-
2006	1	-
2007	4	-
2008	3	-
2009	-	-
2010	2	-
2011	1	-
2012	1	-
2013	-	1
2014	1	1
2015	1	-
2016/2017	1	-
Total	19	2

Fonte: os próprios autores

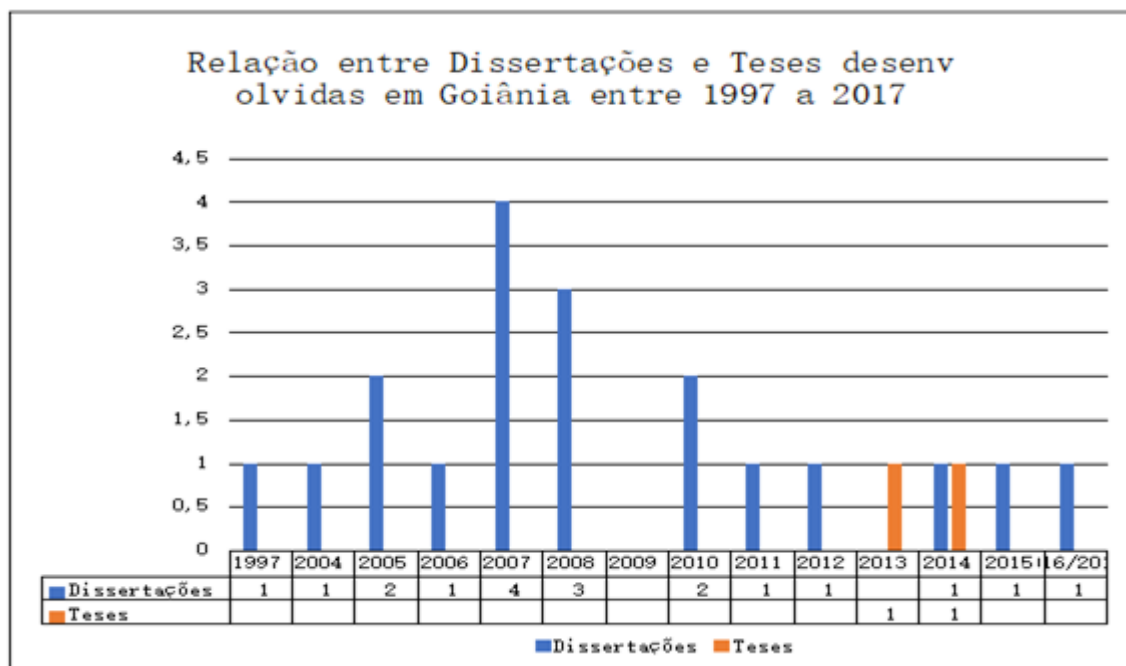
II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

A partir dos dados da tabela acima podemos perceber que, durante os vinte anos que se passaram (período correspondente aos anos de 1997 a 2017) a produção em termos de dissertações de mestrado publicadas em Goiás com a temática relacionada à Educação Física, engloba apenas dezenove produções, entre os 618 títulos presentes no site. Já em relação às teses de Doutorado, tem-se apenas duas produções as quais relacionam-se amplamente ao âmbito da Educação Física.

No ano de 1997, houve apenas uma dissertação depositada na área. Observamos, todavia, que isso só ocorre novamente após 2004. Em 2005, encontramos o depósito de duas dissertações relacionadas a área. Em 2006, houve uma queda na quantidade de depósitos, pois retorna-se o valor para apenas uma unidade durante o ano. Ao que tange o ano de 2007, observamos que houve um acréscimo na quantidade de dissertações, com a presença de quatro no mesmo período, porém, ainda sem o aparecimento de teses.

Em 2008 houve certo decréscimo na quantidade de dissertações na área, passando a apenas três depósitos. Porém, abruptamente este número passa a inexistir no ano de 2009, sendo que não houveram depósitos na área nesse período ao se considerar o Mestrado em Educação. Vimos que em 2010 o número cresce, passando a ser representado por duas dissertações. Nos anos de 2011 e 2012, houve o depósito de duas dissertações, cada uma em um dos anos. Em 2015, temos que apenas uma dissertação na área foi depositada, tal como no biênio 2016-2017 (como ilustrado na figura 1).

Figura 1 – Relação entre Dissertações e Teses depositadas em programas de *Stricto Sensu* em Educação em Goiânia entre 1997 a 2017



Ao que tange às teses de Doutorado, com auxílio da tabela e da figura acima, observamos a presença de um depósito em 2013, com ausência de dissertações na área em tal ano, e a presença de um depósito em 2014, tendo sido depositada uma dissertação no período.

Deste acervo observamos que apenas dois trabalhos tratam do Ensino Médio; sendo uma tese e uma dissertação. Isso justifica, portanto, a urgência de se estudar e pesquisar sobre a Educação Física no Ensino Médio, já que no estado de Goiás pouco ou quase nada tem sido pesquisado para contribuir com o avanço nessa área, tal como retratado anteriormente por Bungenstab e Lazzarotti Filho (2017).

Esses dados são relevantes ao se pensar acerca da Educação Física, principalmente àquela ligada ao Ensino Médio, pois com a escassez na produção científico-acadêmica não são documentados avanços na área, promovendo o não acesso dos docentes aos mais novos conhecimentos e, portanto, chegando a uma estagnação ao que perpassa tal área e tal disciplina escolar.

Outro dado alarmante que pode ser obtido é que durante vinte anos houve o depósito de apenas 21 trabalhos, somadas dissertações e teses na área, isso nos remete a pensar sobre a não existência de curso de pós-graduação a nível *Stricto Sensu* em Educação Física em Goiás, restando aos interessados e com melhores condições na área a terem que se deslocar para outros estados a fim de realizar seu mestrado e doutorado em sua real área. O que identificamos partindo dessa lógica é a entrada nos programas de pós-graduação ligados à Educação, sendo esta a área mais aproximada para produções ligadas à Educação Física remetida à escola, e por consequência, ao Ensino Médio.

Encontramos dois trabalhos, dentre vinte e um, que se remetem ao Ensino Médio de maneira mais ampla, significando que é de relevante urgência e importância estudar a Educação Física no Ensino Médio, já que no estado de Goiás pouco, ou nada, tem sido pesquisado.

Os resultados apresentados remetem a alguns questionamentos, como por exemplo, compreender as causas que levam o estado de Goiás em vinte anos ter publicado apenas 21 trabalhos na área da Educação Física. Uma possível resposta para esse questionamento é o fato de não existir curso de pós-graduação (*stricto sensu*) em Educação Física dentro do estado de Goiás, sendo a UNB (Universidade de Brasília) a instituição mais próxima que oferece essa modalidade de curso. Desta maneira, os profissionais que obrigatoriamente voltariam seus olhares de pesquisadores para dentro do estado, acabam precisando sair dele para pesquisarem/estudarem em outras localidades, ou migram para outras áreas do conhecimento, como o mestrado em Educação por exemplo. Deixando de lado as possíveis contribuições que eles poderiam fornecer para o campo da Educação Física e seu crescimento.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

Conclusões

Ao se promover pesquisas na área, surge a possibilidade de propagação do conhecimento, promovendo mudanças e melhorias em vários âmbitos relacionados à Educação Física e, portanto, quando se está presente o déficit em tal produção a situação se torna prejudicial à própria área e principalmente aos sujeitos envolvidos dentro do processo, professores que ficam à mercê do pouco produzido, sem possibilidades ou incentivos amplos a promoverem a pesquisa e alunos que perdem oportunidades de entrar em contato com determinadas práticas corporais e com aulas em novas metodologias pelo desconhecimento de seus professores em tal campo.

Mais um fator que justifica uma demanda maior de pesquisas nesse campo específico, é o fato de que a recente reforma do Ensino Médio tenha trouxe a ameaça de se retirar essa disciplina da grade curricular obrigatória dos alunos. Ou seja, pesquisas que comprovem a importância desse conhecimento para os jovens, podem contribuir para que a disciplina continue de maneira estável no Ensino Médio, e que ela cumpra seu papel na formação completa e humana do aluno.

Referências

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Dando voz aos estudantes na cidade de Goiânia/GO**: investigações sobre a "crise" entre os jovens e o ensino médio. 2016. 171f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Ciências Sociais, Universidade federal de Goiás. UFG, Goiânia, 2016.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; LAZZAROTTI FILHO, Ari. A Educação Física no "novo" Ensino Médio: a ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e "esportivizante" da vida. **Motrivência**, v. 29, n. 52, p. 19-37, 2017.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

A RELAÇÃO ENTRE OS JOVENS, AS PRÁTICAS CORPORAIS E O ENSINO MÉDIO: DIALÓGOS POSSÍVEIS

Ellen Geovana Gonçalves¹, Amanda Guiliane Teixeira², Thaís Ribeiro Montalvão², Márcio Ronan Trindade Alves², Kauã Pereira Borges², Gabriel Carvalho Bungenstab³.

1- Graduanda na Licenciatura em Educação Física – UEG/ESEFFEGO – ellenge13@gmail.com.

2- Graduando na Licenciatura em Educação Física – UEG/ESEFFEGO.

3- Doutor – UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.

Palavras-chave: Educação Física; Jovem; Ensino Médio.

Introdução

Este trabalho nasceu a partir do projeto de pesquisa Juventude, práticas corporais e ensino médio, coordenado pelo professor Doutor Gabriel Bungenstab. O objetivo da pesquisa é investigar e mapear de que forma os estudantes das escolas de ensino médio da rede estadual na cidade de Goiânia/GO têm experimentado as práticas corporais que realizam dentro da escola e, fora dela. A tentativa é comprovar a hipótese de que a escola é o principal meio de acesso desses jovens as práticas corporais, uma vez que a cidade urbana, na sua configuração atual, não teria estruturas físicas e nem projetos suficientes para suprir as necessidades de movimento desses jovens.

Pesquisas realizadas nessa área de estudo (BUNGENSTAB e ALMEIDA, 2016) mostram que apesar das críticas feitas às aulas de Educação Física, ela continua sendo uma das principais vias de acesso desses alunos as práticas corporais. Se tornando dessa maneira, uma disciplina indispensável, e que deve ser oferecida aos jovens durante o ensino médio.

Nesse sentido, o primeiro percurso do projeto busca entender qual a visão do jovem de hoje sobre as aulas de educação física e quais conteúdos estão sendo trabalhados nessas aulas.

Metodologia

Tendo em vista os objetivos apresentados anteriormente, foi aplicado um questionário em duas escolas estaduais de Goiânia. As perguntas feitas giravam em torno da visão dos jovens em relação às aulas de Educação Física (o que eles aprendem e o que gostariam de vivenciar) e das práticas corporais realizadas fora da escola.

Os resultados obtidos serão apresentados e interpretados a seguir. Para uma melhor organização eles serão separados pelas duas escolas (X e Y) onde ocorreram a pesquisa, e também pelas questões. É importante apontar que o questionário possuía 21 perguntas, divididas em três temáticas: questões pessoais e mais gerais sobre a escola, práticas corporais fora da escola e práticas corporais dentro da escola. Porém neste presente trabalho utilizaremos para análise apenas quatro dessas perguntas.

Resultados e discussões

O que entendemos por práticas corporais? Como eles podem aparecer dentro da escola? O termo prática corporal, quando analisado sob o ponto de vista das concepções do corpo, saúde, ciência e cuidado, remetem ao que Carvalho (2006) chama de “modos de viver”. Para a autora, as práticas corporais são componentes da cultura corporal dos povos e dizem respeito ao ser humano em movimento, a sua gestualidade e seus modos de se expressar corporalmente. Nesse sentido, perguntamos aos jovens se eles praticam alguma atividade física ou prática corporal fora da escola. De 41 estudantes que responderam o questionário (somando as duas escolas), 28 deles disseram praticar e 13 não praticam. Dentre aqueles que praticam, temos o seguinte quadro:

Quadro 1 - As práticas corporais citadas pelos jovens

Futebol	15
Caminhada	5
Academia	2
Wakeboard	1
Dança	1
Yoga	1
Vôlei	3

A partir das respostas dadas pelos alunos, é possível perceber que a maior parte faz alguma prática corporal fora da escola (28 alunos de 41 possíveis), porém 13 pessoas (um número significativo) não fazem a prática corporal fora da escola. Esse dado nos mostra a importância das aulas de E.F para esses alunos, pois ela se torna o único espaço para se realizar a cultura corporal de movimento.

Outro fator perceptível é o predomínio do futebol entre os alunos que fazem práticas fora da escola, um dos motivos talvez seja a falta de ofertas de outras modalidades fora do ambiente escolar, ou que apesar da existência das ofertas, os alunos não tenham condições de acessá-las por serem financeiramente caras ou por serem distantes do local de moradia desses alunos, acarretando então em um processo de exclusão desses jovens. Na pergunta seguinte, queríamos saber quais as práticas corporais que os jovens estudantes gostariam de ter acesso. 10 estudantes não gostariam de ter acesso a nenhuma prática corporal, já 31 estudantes relataram que gostaria de experimentar alguma prática corporal que nunca tiveram condições (quadro 2):

Quadro 2 - As práticas corporais mais citadas pelos alunos:

Academia	8
Lutas	6
Basquete	3
Ginástica Rítmica	3
Squash	3
Dança	4
Crossfit	2

ANAIS DE EVENTO

É possível perceber tanto nas escola X quanto na escola Y que a maioria dos alunos gostariam de experimentar uma prática corporal que ainda não teve condições. Fato que ajuda a comprovar nossa hipótese de que a escola ainda é o principal centro que proporciona aos estudantes a oportunidade de práticas corporais, para quem não tem acesso, uma vez que os centros urbanos não conseguem oferecer esses espaços, e quando conseguem não são acessíveis a todos.

É importante apontar que a musculação/academia e as lutas foram as práticas que os alunos mais citaram ter interesse em praticar, mais ainda não tiveram a oportunidade. Uma das possíveis explicações para esses dados seria pelo fato de que a mídia influencia muito no que tange a busca por corpos perfeitos e idealizados, onde a academia é um elemento central desse processo, e outro fator que pode explicar é o fato de que o conteúdo de lutas, segundo Nascimento e Almeida (2007), é uma das práticas corporais mais negligenciadas pelas aulas de E.F, então acaba que os alunos não tem a oportunidade de vivencia-las.

Nesse bojo, perguntamos ainda se os jovens têm preferência em realizar práticas corporais dentro ou fora da escola.

Quadro 3 – preferem realizar práticas corporais dentro ou fora da escola?

Local de preferência	Número de respostas
Dentro	7 estudantes
Fora	19 estudantes
Dentro e fora	10 estudantes
Não responderam	5 estudantes

Dentre os motivos citados pelos alunos que preferem a prática corporal dentro das escolas estão: as amizades, a violência urbana e a falta de tempo fora do horário escolar. Já as pessoas que preferem os dois locais (dentro e fora), expressaram um número relevante de (10 alunos), eles alegaram entre os motivos que gostam de praticar atividade física independentemente do lugar, ou seja, são pessoas que já possuem uma vivência e afinidade com o se movimentar humano.

Um importante indicador apontado pela pesquisa é o fato de que, levando em consideração as respostas dos alunos das duas escolas, a maior parte prefere fazer atividades físicas fora da escola. Esse dado, nos leva a questionar: será que as aulas e os professores de E.F estão cumprindo seu papel? Os motivos elencados pelos alunos foram: a possibilidade de poder escolher a prática; porque é mais organizado; porque as aulas são muito repetitivas trabalhando somente o futebol; a falta de espaço; porque se aprende mais fora da escola do que dentro dela.

Conclusão

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

A escola, portanto, ainda permanece sendo a principal forma de acesso dos jovens ao esporte e a cultura corporal, pois, apesar de grande parte dos alunos afirmarem que fazem práticas fora da escola, a maioria se resume apenas ao futebol, mostrando assim uma consequência do nosso monoculturalismo esportivo. A escola seria, então, esse lugar de se oportunizar uma introdução a novas modalidades e práticas corporais, que a maior parte da população não consegue acessar por motivos diversos como: falta de tempo, dinheiro e de infraestrutura das cidades.

Talvez a ideia seja mesmo a de que o indivíduo ser torne autônomo e procure práticas corporais fora da escola já que a mesma até por questão de falta de tempo e estrutura não consegue suprir as demandas pessoais de cada indivíduo, porém, as aulas de Educação Física deveriam ser esse momento de introdução a um conhecimento inicial para os alunos, onde a partir desse "início", eles poderiam se interessar e evoluir dentro de determinada prática, ou apenas vivenciá-la, experimentando, assim, um conhecimento produzido historicamente pela humanidade.

Referências

NASCIMENTO, Paulo. ALMEIDA, Luciano. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades.** Rev. Movimento. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.

BUNGENSTAB, G. C. ALMEIDA, F. Q. Práticas corporais nas escolas de ensino médio situadas em Vitória/Espírito Santo. **Pensar a Prática**, v. 19. n. 1, p. 156-168, jan/mar. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/39054/pdf> Acesso em: 5 ago. 2016.

CARVALHO Y. M. de. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. **Revista Brasileira de Saúde da Família**, Brasília, v. 2, n. 7, p. 33-45, 2006.

A INFLUÊNCIA DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE O PADRÃO DE CORPO MASCULINO DE PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO DE UMA ACADEMIA DE GOIÂNIA

Diego Alves da Silva¹, Ismaley Santos Lacerda², Pedro Paulo Pereira Braga², Renato Coelho³, Mara Medeiros³.

1- Universidade Federal de Goiás (UFG) - diego-a.silva@hotmail.com.

2- Universidade Federal de Goiás (UFG).

3- Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Palavras-chave: Indústria Cultural; Beleza; Insatisfação; Corpo masculino.

Introdução

O termo indústria cultural é apresentado pela primeira vez no livro, "Dialética do Esclarecimento" de Adorno e Horkheimer de 1947. Os autores utilizarão o termo indústria cultural com o objetivo de esclarecer que a cultural não surge de forma espontânea na sociedade pelo contrário ela "é fabricada pelos meios de comunicação de massa" (BANDEIRA, 2008).

O conjunto dos meios de comunicação é denominado como Indústria Cultural (SANTOS, 2003). Os meios de comunicação, é um sistema que tem como finalidade, de transmitir ideais de consumo, que permitem a hegemonia do sistema vigente, ou seja, o capitalismo. Logo, a Indústria Cultural é um dos agentes que pode influenciar na criação de corpo ideal.

Ao analisarmos historicamente o corpo masculino e sua representação na sociedade, percebemos que o padrão tem mudado. Para Hoff (2004, p. 5) o corpo masculino antes era representado pela mídia com homens exercendo seus papéis sociais estabelecidos pela sociedade, porém a partir da década de 1980 segundo Miskolci (2006, p. 2) e Pope et.al (2000, p. 43), o corpo masculino passa a ser exposto de forma erótica trazendo uma preocupação maior com a beleza e a moda, sendo o corpo musculoso e viril, o almejado pelos homens.

A busca pela musculatura avantajada dá-se pelo fato de o corpo musculoso ser sinônimos de beleza, status social e masculinidade, assim o corpo passa a ser um instrumento para atingir modelo idenitários (MISKOLCI, 2006). Ou seja, é no corpo que o homem alcança sua realização e adequação na sociedade.

Todavia, os corpos que não encaixam nesse padrão são excluídos ou ridicularizados pela mídia (BEIRAS et.al 2007), esse é o caso dos obesos e sobrepesos, que recebem os papéis cômicos e trapalhões no cinema e televisão, como uma forma de punição aos que não se conformam.

A obesidade por muitas vezes é vista como uma doença acarretada pelo desleixo e preguiça, entretanto, aquele que emagrece é tratado como vitorioso. Segundo Mattos e Luz (2009) a gordura é vista pela sociedade como estigma, uma marca social que desqualifica o sujeito por não adequar aos padrões de beleza vigente.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

A “moral da boa forma” é difundida de forma maçante pela mídia, segundo Goldenberg e Ramos (2007) Assim, a aparência física transmite valores, outrora relacionado ao caráter e atitudes de boa-fé. Logo, quem possui um corpo fora de forma tem uma alma fora de forma, cabendo ao indivíduo, transforma sua realidade. Sendo assim, existe uma culpabilização do indivíduo a respeito da sua saúde/boa forma.

O ambiente escolhido pelos homens para esculpir seus corpos, e adequarem ao padrão de beleza exposto na mídia, é o da academia de musculação.

Nesse sentido, Sabino e Luz (2007) categorizaram a existência de três tipos de público masculino nas academias de musculação. Sendo eles: 1º os **fisiculturistas**, que exibem musculatura avantajada para a maioria dos homens, eles estão em menor proporção nas academias, porém são admirados pelos homens, como sendo o referencial daquele que conseguiu atingir os limites do corpo. 2º o aluno **veterano**, são os que possuem a musculatura de forma harmoniosa, geralmente admirados pelo público feminino, por não ser exagerados em suas formas físicas, e consequentemente admirados pelo público masculino, que almejam desenvolver a musculatura, porém não a ponto de assemelharem ao volume muscular do fisiculturista. Por fim, 3º é o aluno **normal**, que não demonstram qualquer característica da prática esportiva, por não apresentar um desenvolvimento muscular, quer seja, por ser muito magro, ou com sobrepeso e obeso (SABINO; LUZ, 2007).

Portanto, os praticantes de musculação, principalmente os homens, treinam para se afirmarem na sociedade, pois, “os seus corpos definem que são verdadeiramente homens” (POPE *et al* , p. 21, 2000). Assim, o objetivo desse estudo foi compreender e analisar a influência da Indústria Cultural sobre o ideal de corpo masculino dos praticantes de musculação.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso, realizado com 11 homens praticantes de musculação em uma academia de médio porte de Goiânia-GO. Como critério inclusão estabelecido foi praticar musculação há no mínimo 3 meses seguidos.

Para coleta de dados foram utilizados o seguinte instrumento: entrevista semiestruturada. A entrevista foi gravada e ocorreu de forma individual, e as repostas transcritas pelo pesquisador. Os entrevistados foram nomeados conforme os artistas e atletas os quais eles admiravam como padrão de corpo perfeito. Na estrutura da entrevista contém quatro perguntas.

Para o tratamento de dados criou-se uma tabela que viabilizou a categorização dos dados estabelecendo os códigos. Para a criação de códigos utilizamos da técnica de análise de discurso privilegiando dois princípios apresentado por Votre *et. al.* (1993, p. 46), o princípio da figura e fundo, “prevê para a codificação textual as mesmas características da codificação visual”, assim, facilita a captação do essencial. E o princípio da marcação, “parte da pontualidade e disposição das palavras na frase, e do grau de importância no contexto apresentado”.

Resultados

A pesquisa teve a participação de 11 homens, que apresentam a média de idade de 28,5 anos, sendo o mais novo com 17 anos e o mais velho com 42 anos, caracterizando uma população adulta podendo concluir que tenham a personalidade formada e suas concepções estabelecidas.

Para entendermos a compreensão de corpo do entrevistado e a satisfação com o corpo, realizamos as seguintes perguntas para os participantes.

Quadro 1: Respostas sobre padrão de corpo e satisfação corporal

PERGUNTA	RESPOSTAS FREQUENTES
1. O que é um corpo belo para você?	"definido"; "corpo saudável"
2. O que te trouxe para academia?	"a definição muscular"; "emagrecimento"
3. Quem você conhece que tem um corpo que gostaria de ter?"	The Rock, Mark Walberg,, Ashton Kutcher, Adam Levine, Capitão América (Chris Evans)", Brad Pitt e "Paulo Zulu. Eduardo Corrêa, Kai Greene, Fernando Sardinha, Norton James, Felipe Franco e Marcio Gonçalves.
4. Até que ponto você está satisfeito com seu corpo?	Insatisfeitos; satisfeitos parcialmente.

Ao analisarmos as respostas frequentes dos entrevistados é notório a insatisfação com corpo devido a gordura corporal elevada e por outro lado a admiração pelo corpo com massa muscular aparente, porém sem aumentar a gordura, chamado no mundo fitness de definição muscular, e relatado na fala de dois entrevistados como: *Estilo estatua Grega Paulo Zulu 40 anos. [...] peso ideal e sem gordura (Ashton Kutcher 25 anos).*

Esse tipo de corpo é caracterizado por Sabino e Luz (2007, p.43), como padrão de corpo dos alunos veteranos na musculação, tendo um volume muscular acima da maioria dos homens, chamaremos essa conceituação de "corpo definido". Segundo Luz e Mattos (2009, p. 43). Outro entendimento de belo, citado pelos nossos entrevistados é o de corpo saudável. Entretanto, a concepção de corpo saudável para os informantes confunde-se com a estética: *É um corpo com saúde, agradável a visão, ao sentido da visão, sem ser muito magro, ou demasiado musculoso (Capitão América, 42 anos).* O corpo belo é sinônimo de saúde, não basta ser saudável, segundo nossos entrevistados o corpo deve ser agradável a visão. Assim, o corpo "sarado" é o representante desse sinônimo de beleza e saúde.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

A insatisfação com o corpo é um dos motivos que levaram os entrevistados a se inscrever na academia: *Por ser gordo queria emagrecer, queria se mais atlético. Basicamente o que todos querem, atrair alguém, está ligado a ideia de conquista, não pensava em saúde e sim em ser aceito* (Paulo Zulu, 40 anos).

A definição muscular é almejada pelos entrevistados, *corpo com definição muscular e pouca gordura* (Fernando Sardinha, 22 anos). Esse corpo definido é exemplificado através das referências de beleza citada pelos alunos, tendo nos atores de Hollywood juntamente com os fisiculturistas a referência de beleza. Todos esses homens citados demonstram ter corpos semelhantes, sendo eles todos musculosos.

Portanto, identificamos que o maior motivo de insatisfação corporal dos entrevistados refere-se ao acúmulo de gordura corporal: *Ainda não atingi meus objetivos, ainda quero aumentar meu tônus muscular e reduzir meu índice de massa gorda* (Capitão América, 42 anos). *Estou satisfeito 80% com meu corpo, é só perder a barriga* (Brad Pitt, 29 anos). *A pochete, gordura localizada, tenho que mudar minha alimentação* (The Rock, 32 anos). *Estou satisfeito 50%, falta baixar o percentual de gordura* (Fernando Sardinha, 22 anos).

Esse achado é fato preocupante, pois a insatisfação com o corpo pode gerar doenças psicológicas como bulimia, e nos homens a doença mais comum é a vigorexia, definida por Pope et. al. (2000) como sendo transtorno obsessivo compulsivo.

Conclusões

A Indústria Cultural apropria-se do corpo para transforma-lo em mercadoria, para vendê-lo cria-se padrões de corpo perfeito através dos vários veículos de comunicação. Identificamos que os atores de cinema e os fisiculturistas são os principais referenciais de corpo perfeito para os entrevistados. Isso ocorre devido a constante exposição do corpo masculino assumindo o papel de força e virilidade.

Todos os participantes declaram ser insatisfeitos com o corpo, acredita-se que a insatisfação ocorre porque eles ainda não atingiram a meta de perda de peso e corpo definido, sendo esse referencial de corpo que almejam como ideal.

Referências

BANDEIRA, L. B. **Corpo, mercado e educação na perspectiva da teoria crítica**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: FE/UFG, 2008.

BEIRAS, A. et. al. **Gêneros e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma**. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n.3, p. 62-67, 2007.

GOLDENBERG, M., RAMOS, M. S. **A civilização das formas: o corpo como valor**. In: *Nu & Vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOFF, T. M. C. **Corpo masculino: publicidade e imaginário**. *Revista E-Compós*, v. 1, p. 1-16, 2004.

MISKOLCI, R. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência**. *Estudos Feministas*, v. 14, p. 681 – 693, 2006.

ANAIS DE EVENTO

MATTOS, R. da S.; LUZ, M. T. **Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade.** *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.

POPE, H. G.; KATHARIBE, A. P.; OLIVARDIA, R. **O complexo de Adônis a obsessão masculina pelo corpo.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SABINO, C.; LUZ, M. T. Ritos da forma: a construção da identidade fisiculturista em academias de musculação na cidade do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento.** v. 3, n. 1, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, J. M. **Educação Física para além da semiformação: uma proposta de trabalho à partir de Theodor W. Adorno.** 2003. Trabalho Final de Curso de Especialização *Lato Sensu*. Goiânia: ESEFFEGO/UEG, 2003.

VOLTRE, S. J.; BOCCARDO, L. M.; NETO, A. F. *Pesquisa em Educação Física.* Vitória: UFES, 1993.

REFLEXÕES E POSSIBILIDADE DO PROJETO DE EXTENSÃO - DANÇA, CORPO E CULTURA

Rosirene Campêlo dos Santos¹, Arthur Américo Gonçalves², Carolina Lopes Amaral³, Daniella Mouta Andrade³, Jayne Silva de Oliveira³, Natália Santos da Silva³.

1- Mestre – Campus Goiânia ESEFFEGO/UEG – rosi.dance14@gmail.com.

2- Acadêmico de Educação Física – Campus Goiânia ESEFFEGO/UEG.

3- Licenciada em Educação Física – ESEFFEGO/UEG.

Palavras Chave: Dança; Corpo; Cultura; Extensão.

Introdução

O presente texto tem como objetivo, compartilhar algumas experiências e discussões desenvolvidas no projeto de extensão intitulado – Dança, corpo e cultura, desenvolvido no campus Goiânia-ESEFFEGO/UEG. Que surgiu da demanda de uma prática corporal que possibilitasse a formação humana e estética do corpo, além de permitir e ampliar o olhar dos participantes a respeito da dança.

O referido projeto de extensão tem como finalidade possibilitar experiências corporais em Dança, a partir de linguagens e estéticas diversificadas, bem como estimular reflexões e a pesquisa em Dança, formando uma rede de saberes entre a Cultura, Corpo e a Educação, possibilitando momentos em que os/as participantes, possam expressar as diversas manifestações culturais, advinda do seu meio social.

As temáticas que subsidiaram os encontros foram: jogos corporais, consciência corporal, danças populares brasileiras, dança do ventre, dança de salão e processo de composição coreográfico. As experiências e vivências corporais partiram das diferentes possibilidades dançantes das temáticas, como também, das discussões e leituras realizadas no planejamento e organização da proposta.

Neste sentido, entendendo que não existe corpo neutro, pois este é formado a partir de valores e estéticas culturais, ele é espaço e reflexo de cultura, lócus de múltiplas relações, pois, é no corpo e por meio deste que tudo se torna possível porque "o corpo é sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura" (CSORDAS, 2008, p. 102). Deste modo, o corpo, por ser uma construção social, traz uma série de sentidos e significados que são modificados de uma cultura para outra. Assim sendo, o projeto procurou favorecer aos participantes, experiências corporais diversificadas, buscando respeitar as diferenças e individualizadas de cada sujeito de forma criativa e emancipatória.

Metodologia

O presente projeto de extensão iniciou suas atividades em agosto de 2013, buscando atender a comunidade acadêmica, comunidade geral, funcionários e pessoas da terceira idade,

vinculada a UNATI¹. Entendemos o projeto de extensão como um espaço educacional de múltiplas possibilidades, que busca articular ensino, pesquisa e extensão.

Neste ínterim cabe destacar que o trabalho desenvolvido apresenta como proposta o conceito de dança elaborado pela pesquisadora Strazzacappa (2007, p.16):

Assim é a dança: uma produção social efêmera, um patrimônio cultural imaterial. Está presente nas mais variadas sociedades, em diferentes formas e expressões. A dança é uma manifestação artística, criação de indivíduos, representação de um povo. Dança é arte e, como toda forma de arte, parte da expressão individual e gera a memória coletiva de um povo.

Ao optar por esse conceito, almejamos refletir as inúmeras possibilidades que ele nos oferece, pois elucida as diferentes transformações de sentidos e significados que a dança foi sofrendo no decorrer de sua história. Que se a princípio estava ligada as formas mágicas e aos rituais de iniciação, colheita, fúnebres e fertilidade, hoje ela é considerada área de conhecimento, manifestação cultural, artística e patrimônio cultural imaterial, por representar e identificar diferentes povos e suas culturas.

Diante disso, as atividades do projeto foram pensadas em quatro momentos:

1º) Momento – trabalho de consciência corporal e os elementos constitutivos da dança;

2º) Momento – trabalho com danças populares sendo elas – frevo, ciranda, forró entre outras.

3º) Momento – dança do ventre e dança de salão.

4º) Momento - processo de composição coreográfico

Neste sentido, o foco deste projeto de extensão consistiu em estruturar um conjunto de ações inter-relacionadas que contemplasse desde a discussão da prática docente em dança articulada com questões de ordem social, política, pedagógica e estética. Além de possibilitar vivências em dança na perspectiva educacional, também subsidiou e dialogou com as atividades acadêmicas do curso de Educação Física, comunidade em geral e com a UNATI.

O projeto possibilitou aos participantes ampliar seu olhar referente à dança, bem como, suas experiências corporais em diferentes danças e jogos corporais, o que favoreceu uma maior consciência corporal. Ao iniciar o trabalho por meio dos jogos corporais, nossa intenção foi possibilitar aos participantes pensar seu corpo e seu movimento de maneira criativa. Segundo Ramos,

Existem mil e uma maneiras de jogar. O importante é estar disposto a ser criativo, a buscar o corpo em essência, a deixar fluir a capacidade de criação, que é ilimitada, porque o corpo tem infinitas possibilidades de movimento. É preciso, então, exteriorizar e desenvolver o conhecimento que está escondido, fazer acreditar que se tem esse conhecimento naturalmente (RAMOS, 2007, p. 44).

Assim, sendo este primeiro momento proporcionou aos participantes autoconhecimento, maior percepção, criatividade, rapidez de raciocínio e compreender a mecânica do movimento.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

Todos estes elementos serviram de estímulos para o processo de composição coreográfica, que perpassou todo o projeto.

O segundo momento, direcionado para as danças populares permitiu um diálogo corporal, por meio dos códigos e signos das danças trabalhadas, pois, neste momento, buscamos levar alguns aspectos como: os culturais, os históricos, as vestimentas, movimentação, musicalidade, gestualidade e características específicas de cada dança popular.

O terceiro momento surgiu do interesse dos participantes em compreenderem e se apropriarem dos códigos da dança do ventre e da dança de salão.

Na dança do ventre, buscamos no decorrer das intervenções possibilitar as participantes pensar seu corpo e suas relações com a feminilidade e sensualidade de forma consciente e autoconfiante, além dos seus aspectos históricos, culturais e técnicos. De acordo com Bencardini (2009, p. 18) a dança do ventre, "trata-se também de uma forma de expressão artística, individual e feminina que privilegia tanto a forma (coreografia) quanto o conteúdo (o corpo e suas atitudes). Possui harmonia perfeita e estética personalizada. É uma arte precisa e muito técnica [...]".

Ao trabalhar com a dança do ventre, buscamos juntos as participantes refletir e vivenciar seu corpo em sua totalidade, independentemente de seu biótipo, raça e etnia. Neste sentido, no decorrer das intervenções foi possível trabalhar a autoconfiança, autoestima, dentre outros aspectos psicológicos e emocionais que perpassam as atividades de forma transversal. Em que, no primeiro momento era realizado um trabalho de preparação corporal, com atividades de respiração, equilíbrio, força, flexibilidade, postura, disciplina dentre outros benefícios para a saúde e qualidade de vida das participantes.

O segundo momento, buscou-se trabalhar os movimentos básicos da Dança do Ventre, em posições estáticas e em descolamentos, trazendo as alunas o conhecimento do espaço cênico a qual elas podem explorar quando estiverem dançando.

Na dança de salão, trabalhamos os diferentes ritmos que compõem este tipo de dança, bem como, suas diferentes movimentações, signos, códigos, musicalidade, o dançar com o outro, respeitando as individualidades.

Resultados

Dentro dos resultados esperados enfatizamos que o projeto favoreceu aos monitores e acadêmicos discussões, reflexões e vivências significativas em dança permitindo a estes visualizar o potencial nas relações entre dança, corpo, arte, cultura, educação e sociedade. Também, favoreceu aos participantes momentos de socialização, bem como desenvolver uma prática corporal que possibilitou momentos de: percepção, improvisação e criação em dança; proporcionou a comunidade acadêmica e comunidade em geral experienciar e vivenciar diferentes possibilidades a respeito do ensino de dança; ampliou o repertório de movimento dos participantes, como também sua consciência corporal; sendo lócus de estudos, pesquisas e formação dos acadêmicos do Curso de Educação Física.

ANAIS DE EVENTO

A respeito deste último ponto foram desenvolvidos trabalhos de Conclusão de Curso e resumos apresentados em eventos dos seguintes trabalhos:

- A dança do ventre e o corpo feminino: uma experiência no projeto de extensão da ESEFFEGO/UEG – TCC, 2015.
- Dança na terceira idade: possibilidade e desafios – TCC, 2016.
- Contribuições da dança para a qualidade de vida de idosos - II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG, 2015.
- Dança na terceira idade: possibilidade e desafios – VII Congresso de Ginástica para todos e Dança no Centro-Oeste, 2017.

CONCLUSÕES

O projeto "Dança, Corpo e Cultura" se justifica por entender a relevância de desenvolver o ensino, a extensão e pesquisa, uma vez que a dança enquanto um processo educativo e formativo buscou evidenciar a formação crítica e estética. Por meio, de momentos de vivenciar, compreender e contextualizar a dança.

Desta maneira, e diante do desafio de ampliar, qualificar e auxiliar os acadêmicos a desenvolver uma prática pedagógica em dança, que ainda enfrenta dificuldades de ser realizada de maneira comprometida, com uma educação de qualidade.

Um ponto relevante do projeto foi às reuniões de planejamento, que suscitaram momentos de trocas de experiências e sugestões para serem desenvolvidas no próximo ano de vigência. Bem como, os trabalhos de final de curso e a elaboração do projeto de pesquisa.

Em síntese, podemos dizer que o projeto de extensão: Dança, corpo e cultura, possibilitou aos participantes conhecer e experienciar uma proposta de dança comprometida com seus elementos constitutivos, processos estéticos e suas múltiplas relações com: o corpo, a cultura e o ensino. Aos monitores do projeto, favoreceu pensar e desenvolver sua prática pedagógica de forma crítica. Diante de tais experiências, reflexões e discussões é que almejamos que a dança possa ser realizada de maneira a respeitar as individualidades, bem como, seus processos criativos e interpretativos, despertando diferentes experiências corporais.

Referências

- CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- BENCARDINI, Patrícia. **Dança do ventre: ciência e arte**. São Paulo: Barúna, 2009.
- RAMOS, E. **Angel Vianna: a pedagogia do corpo**. São Paulo: Summus, 2007.
- STRAZZACAPPA, Márcia. **Compartilhando um outro olhar sobre o ensino de dança**. In: FALCÃO, J.L.C.; SARAIVA, M. C. Esporte e lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada. Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.

PROJETO ENTRELINHAS FUTSAL FEMININO NA ESEFFEGO: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO MEDIADORA DAS DISCUSSÕES DE GÊNERO NO E PELO ESPORTE

Nívea M^a S. Menezes¹, Francinelly da Silva Souza², George Ivan da Silva Holanda², Gustavo Henrique Alves de Lima², Rivia Maria Alves dos Santos².

1- Doutora em Educação - ESEFFEGO/UEG - menezes_05@hotmail.com.

2- Graduando em Educação Física - ESEFFEGO/UEG.

Palavras-chave: Futsal; Gênero; Preconceito; Esporte.

Introdução

O Projeto *Entrelinhas: Futsal Feminino na ESEFFEGO* (PEFFE) configura-se como uma ação extensionista promovida na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás/ESEFFEGO e ocorre desde maio de 2015. Neste sentido o objetivo do presente trabalho é trazer à tona os resultados alcançados entre os meses de maio a dezembro de 2015. O objetivo geral do PEFEE foi promover por meio de ações sistematizadas semanalmente a prática do futsal para mulheres jovens e adultas independente da sua experiência com essa modalidade; e como objetivos específicos: Ensinar os fundamentos técnicos, táticos, regras do futsal e refletir sobre a condição da mulher na nossa sociedade, além de incentivar a democratização do espaço público para as mulheres da comunidade na cidade de Goiânia. Participaram 22 alunas, com idades entre 13 e 30 anos; atendeu a 09 bairros e 02 cidades vizinhas de Goiânia, com aulas ministradas por acadêmicos de Educação Física da ESEFFEGO. Para a concretização do projeto a metodologia desenvolvida foi sob a forma de planejamento da coordenadora e dos monitores. Os aportes teóricos utilizados foram (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999) e (ALTMANN, 2007; GOELLNER, 2003; 2001). Os resultados obtidos em 2015 considerando os objetivos do projeto e a avaliação das alunas participantes no seu decorrer é de que o PEFEE conseguiu democratizar o espaço da Eseffego para a prática do futsal, difundiu e garantiu com que as alunas conseguissem aprender tanto os fundamentos, regras e o jogo em si, quanto no que tange à compreensão da mulher enquanto praticante deste esporte, bem como os preconceitos existentes acerca do mesmo. Deste modo, a desmistificação acerca do preconceito ainda existente da presença feminina na prática do futsal e também naturalizar sua participação nesta modalidade é um esforço coletivo e cotidiano de compreender essas relações construídas historicamente na tentativa de modificá-las.

Metodologia

A metodologia para o desenvolvimento do projeto se deu a partir do planejamento das aulas sob a orientação e acompanhamento da coordenadora juntamente com os monitores que ministraram as aulas. Neste sentido, em 2015 as aulas ocorreram duas vezes por semana no turno vespertino, em que buscou por meio de trabalho individual, em pequenos e grandes grupos, a partir

ANAIS DE EVENTO

do nível de cada aluna, trabalhar os fundamentos do futsal, respeitando as individualidades e limites das participantes. Com isto visamos garantir a participação das mesmas na aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos do futsal, bem como o incentivo a socialização e o envolvimento de todas em cada etapa das aulas. O projeto se desenvolveu no espaço do Ginásio II da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás - ESEFFEGO, priorizando as vivências práticas com a modalidade futsal, mas também deu voz às alunas por meio de questionários semiabertos aplicados no segundo semestre de 2015, no intuito de buscar entender como foi a aprendizagem das alunas a partir das aulas, bem como verificar o entendimento das mesmas sobre a condição da mulher como praticante de uma modalidade esportiva que historicamente é concebida como pertencente ao universo masculino.

Resultados

De maio a dezembro de 2015 participaram do projeto 22 alunas, com idades entre 13 e 30 anos; atendeu a 09 bairros e 02 cidades vizinhas de Goiânia; com aulas ministradas por acadêmicos do curso de Educação Física da ESEFFEGO. Considerando os objetivos do projeto e a avaliação das alunas participantes, realizada por meio de questionários semiabertos contendo *07 questões em torno do aprendizado do futsal a partir das aulas ministradas no projeto, aspectos relacionados a algum tipo de preconceito sofrido pela opção em participar da prática do futsal, a democratização do espaço público para a comunidade e do incentivo à socialização entre as mulheres da comunidade por meio da prática esportiva*. Foram respondidos 15 questionários e as categorias que mais se destacaram dizem respeito ao aprendizado nas aulas, em que as 15 alunas pontuam um perceptível desenvolvimento dos aspectos técnicos e táticos do futsal em relação ao início e ao término do semestre; 11 alunas relataram não sofrer preconceitos por optarem pela modalidade futsal e 04 alunas afirmaram ao longo da vida ter sofrido preconceitos não somente de ordem sexista, mas também de racismo por serem negras; as 15 alunas ressaltaram que o Projeto Entrelinhas Futsal Feminino na Eseffego - PEFPE conseguiu não somente democratizar o espaço da ESEFFEGO para a prática do futsal feminino na cidade de Goiânia e adjacências como difundiu e garantiu qualitativamente com que as alunas conseguissem aprender os fundamentos, regras e a lógica do jogo em si.

Conclusões

Considerando a proposta do PEFPE o *feedback* das alunas foi muito positivo e o nosso intuito em realizar uma interlocução com a comunidade abordando a desmistificação ainda existente da presença feminina na prática do futsal foi alcançada. Também destacamos nesse processo os alunos que ministraram as aulas, os quais qualificaram sua prática pedagógica e garantiram a unidade teoria-prática a partir de uma discussão crítica sobre a condição da mulher

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

na nossa sociedade num esforço coletivo e cotidiano de compreender essas relações construídas historicamente para além das quadras.

Referências

ALTMANN, H. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: Goellner, Silvana V; JAEGER, Angelita A.. (Org.). **Garimpendo Memórias**: esporte, Educação Física, lazer e dança. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

FRISSELLI, Ariobaldo; MANTOVANI, Marcelo. **Futebol**: Teoria e Prática. São Paulo: Phorte, 1999.

GOELLNER, S. V. et al. **Gênero e Raça**: inclusão no esporte e lazer. Porto Alegre: Ministério do Esporte/Gráfica da UFRGS, 2009.

_____. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

_____. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-152, abr./jun., 2005.

SIMÕES, Renata Duarte. Gênero na Educação Física: a emergência de um conceito. In: XIII CONBRACE - Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003, Caxambu - MG. **Anais do XIII CONBRACE**, 2003.

_____. S. V. Gênero, Educação Física e esportes. In: VOTRE, Sebastião (org). **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001, p. 215-227.

A ORIGEM DIFUSA DO PROCESSO SARCOPÊNICO E A IMPORTÂNCIA DO EXERCÍCIO FÍSICO NA PREVENÇÃO E TRATAMENTO

Erasmus Henrique de Queiros¹, Maria Helena Machado Souza², Joseane Silva Queiroz², Gustavo Alves Feitosa Silva², Letícia Luiza Valentim De Souza²

- 1- Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da - PUC Goiás - erasmoqueiros@gmail.com.
- 2- Discente do curso de Licenciatura em Educação Física da - PUC Goiás.

Palavras-chave: Envelhecimento; Sarcopenia; Exercício Físico.

Introdução

A síndrome geriátrica denominada como sarcopenia, é bastante comum em pessoas de idade avançada, consistindo da perda gradativa de massa muscular e força devido a alterações morfológicas e fisiológicas decorrente do próprio processo senescente. Sua etiologia ainda permanece desconhecida, no entanto, os estudos apontam para múltiplos fatores que se relacionam entre si, como a denervação, má nutrição, estresse oxidativo, diminuição da secreção de diferentes hormônios, alterações neuromusculares de contração, diminuição da quantidade de mionucleos e a própria inatividade física. Entretanto, o exercício físico é trivial para manutenção e retardo degenerativo da musculatura estriada esquelética em indivíduos sarcopênicos. Everson et al. (2012), considera elementar a atividade física para manutenção ou retardo da perda de massa magra. Contudo, o sedentarismo se torna um fator de risco para idosos, pois a síndrome é responsável pela perda da capacidade funcional repercutindo em dependência de outras pessoas, podendo levar a mortalidade (BAUMGARTNER et al., 1998). Dados epidemiológicos sugerem para o incremento da incidência e prevalência de sarcopenia tanto em homens quanto em mulheres acima de 75 anos de idade. Diante disso, a sarcopenia se constitui um problema de saúde pública, portanto este estudo é relevante e se justifica, pois, a partir da compreensão dessa conjuntura, possibilitara atuação posterior na área. A escolha de uma vida mais saudável e a realização de exercício físico pode retardar parcialmente o quadro sarcopênico. Portanto o objetivo deste artigo é analisar a origem difusa da sarcopenia, focando por sobre a importância do exercício físico no controle e melhoria do quadro.

Metodologia

Este estudo centra-se na identificação das questões vinculadas ao efeito do processo de envelhecimento à musculatura esquelética, fazendo parte da linha de pesquisa em Ciências do Esporte e Saúde. É uma pesquisa de natureza qualitativa de recorte temporal transversal. Para alcançar os objetivos propostos, o recurso metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

realizada em bancos de dados virtuais, buscou-se por publicações entre artigos, dissertações e teses. Os descritores utilizados foram: envelhecimento, sarcopenia, exercício físico, epidemiologia, etiologia, diagnóstico, tratamento. Realizadas por meio de consultas a base de dados on-line Periódico CAPES, Scielo, PubMed, delimitando um recorte de tempo de 1978 a 2015. Os critérios de inclusão foram selecionados artigos de revisão e originais, com foco no envelhecimento e processos degenerativos, a diferentes abordagens acerca da etiologia da síndrome, a relação da sarcopenia com a perda da força muscular, o comprometimento da capacidade funcional e as intervenções com foco na melhora do quadro.

Resultado

O envelhecimento é caracterizado por um processo contínuo de degradação muscular e força, intensificando modificações nos sistemas fisiológicos e morfológicos, respaldando a redução da capacidade funcional, incidindo na diminuição da qualidade de vida dos idosos (NETO, 2012). O processo de envelhecimento pode abranger fatores internos (hormonais) e externos (ambiente) e podemos através deles acelerar ou retardar a síndrome. Entretanto, o avanço da idade permite menor resistência a epidemias, deixando o organismo mais favorável e sujeito a doenças crônicas de caráter não transmissível, que contribui no processo de oxidação vital.

Contudo, de acordo com a Previdência da Republica, há um aumento significativo da população idosa em cerca de 5,9% em 2000, para 7,9% em 2010, com possibilidade de duplicar o somativo até 2020. Apesar disso, dados estimam que até 2050 existirá mais idosos que crianças menores de 15 anos, incidindo em 22% da população geral do Brasil. Segundo a organização mundial de saúde (OMS, 2015), as mudanças que influenciam no envelhecimento são complexas, compondo um processo acumulador e não linear de danos feito as moléculas celulares durante toda vida.

Segundo Everson et al. (2012), os fatores que se associam a sarcopenia não agem por si só, entretanto o estresse oxidativo e a indução da inflamação, foram apontados como sendo um dos primeiros percursos da perda e atrofia de fibras musculares. Com isso, observasse a diminuição de níveis de força muscular caracterizando o quadro da sarcopenia, podendo dificultar a eficiência e a realização de atividades diárias (BAUMGARTNER et al., 1998). Entretanto a etiologia da sarcopenia ainda permanece desconhecida (CRUZ JENTOF et al., 2010) no entanto devido à perda de massa muscular ser prevalente na população mais velha (GALLAGHER, HEYMSFIELD, 1998) ela está associada a alterações advindas do processo natural de envelhecimento, afetando a capacidade do organismo de suportar tarefas do cotidiano e perturbações homeostáticas devido a perdas no tecido muscular esquelético e diminuição da força (MORLEY, et al., 2001). A sarcopenia tem sido objeto de pesquisa da área da genética, buscando identificar os fatores genéticos associados à síndrome.

Embora a maioria dos seres humanos envelhecidos mostre alguns sinais de enfraquecimento muscular, o fator genético pode figura como fator intrínseco (TAN et al., 2012). A literatura elenca diferentes fatores ligados a sarcopenia dentre os principais: o declínio hormonal

acompanhado do declínio da responsividade dos tecidos (BREEN, PHILLIPS, 2011), a resistência à insulina contribuindo para o desequilíbrio proteico (KANDARIAN, JACKMAN, 2006) além da denervação (JANG, VAN REMMEN, 2011) e diminuição da capacidade regenerativa (PARKER, 2015).

Quanto ao fator que aponta para a diminuição do apetite repercutindo em um menor consumo de nutrientes (PADDON-JONES, RASMUSSEN, 2009), há controvérsia, alguns estudos apontam que a restrição calórica tem um efeito benéfico sobre os efeitos advindos do envelhecimento muscular, incluindo alterações no metabolismo energético e proteico (LEE et al., 1999). As proteínas contrateis são renovadas constantemente para manter a qualidade da função muscular, no entanto na senescência há uma diminuição do ritmo de regeneração. A redução do estímulo das células satélites devido as alterações na secreção hormonal levam a perda de células e ou tecidos (PARKER, 2015). A perda de massa muscular na sarcopenia é o efeito da perda de fibras e da atrofia das fibras (PORTER, VANDERVOORT, LEXELL, 1995), que parece afeta preferencialmente as fibras de tipo rápido tipo II (anaeróbias) (LEXELL, 1995).

Estudos sugerem para a denervação e reinervação progressiva com predomínio de agrupamento celular relacionado a atrofia das fibras tipo II (JANG, VAN REMMEN, 2011). A inervação da célula muscular ira determinar o tipo de fibra muscular e, portanto, a atividade contrátil das fibras do tipo rápida (tipo II) ou lenta (fibra do tipo I). No envelhecimento a tendência é, que, a reinervação de fibras de contração rápida de tipo II que ocorre através de brotação axonal de nervos passam a inervar as fibras adjacentes de contração lenta. Após reinervação em vez de formar o padrão normal caracterizado pela mistura das fibras, acontece o agrupamento celular. Quando a reinervação é insuficiente a célula atrofia ou entra em apoptose (LARSSON, ANSVED, 1995).

O estresse oxidativo, inflamação e a disfunção mitocondrial tem sido apontado como principais precursores na atrofia muscular advinda com a senescência. Todos esses fatores atuando em conjunto podem afetar o equilíbrio entre síntese e degradação proteica, induzindo apoptose, levando a perda de massa muscular (KOOPTMAN, VAN, 2009). A senescência celular se destaca durante o envelhecimento provocando elevação dos níveis de citocinas pró-inflamatórias repercutindo em inflamações tecidual causado a partir do estresse oxidativo (HOWARD, et al., 2007). O músculo esquelético é eventualmente substituído por tecido gordo e fibroso, resultando no comprometimento funcional do músculo além de déficit na fusão física (PARKER, 2015). Para chegar a esse processo, o desequilíbrio no sistema oxidante - antioxidante desencadeia o estresse oxidativo, em que, na senescência encontra-se acentuado (SIU, PISTILLI, ALWAY, 2008).

A perda de função mitocondrial interligada ao estresse oxidativo, acompanha o envelhecimento e contribui para a diminuição do metabolismo dos ácidos graxos (HOUTKOOOPER et al., 2011), assim explicando a acumulação intracelular de lipídios (PUGH et al., 2013), podendo levar a resistência à insulina (ECKARDT et al., 2011). Segundo Diz e colaboradores (2015), esse declínio não

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

ocorre no sistema músculo esquelético como um todo, e para chegar um diagnóstico preciso, é necessário usar técnicas confiáveis para avaliar a massa muscular. Contudo, os mais utilizados para fazer a análise é a bioimpedância elétrica (bia) a absormetria de raio x de dupla energia (DEXA), adpometria e medias antropométricas, altura, peso e IMC. Os testes de capacidade física também contribuem no diagnóstico da sarcopenia, como teste de velocidade, avaliação de força de pressão manual com dinamômetro. De acordo com Silva et al. (2013), para o treinamento de força muscular e utilizado exercícios de resistência, podendo ser manual ou mecânico, associados a contrações concêntricas e excêntricas, ocasionando hipertrofia muscular. Segundo Everson et al. (2012) a alimentação adequada com os principais nutrientes é um passo muito importante a ser dado, o indivíduo tem que seguir uma dieta balanceada e\ou uma suplementação, onde pode fornecer uma melhora significativa no seu desempenho.

Conclusão

Aprendesse que os mecanismos que levam a sarcopenia são complexos, seu agente causal é de difícil identificação. Observou-se diferentes elementos para ocorrência desse processo degenerativo muscular acelerado, dentre eles o estresse oxidativo, a denervação, declínio da função endócrina, comportamento sedentário além do próprio processo senescente e fator genético. Discutir a sarcopenia é importante, pois quando ela está instalada, diferentes doenças associadas a atrofia muscular começam a aparecer. Essa perda de massa muscular poderá ser substituída por gordura, podendo levar a obesidade, que, por conseguinte, pode repercutir no metabolismo dos carboidratos, pois, o gasto energético da musculatura pode estar em déficit. Assim, diabetes tipo 2 pode figurar nesse processo, e com ela, as dislipidemias e assim sucessivamente, como um efeito cascata, em que, o ponto de partida inicial é o processo sarcopênico, repercutindo em hospitalização e mortalidade, constituindo-se um problema de saúde pública. Ademais, embora não se chegue a um consenso sobre a etiologia da sarcopenia, percebe-se um efeito cascata a partir do processo senescente. Entretanto dentre os diferentes fatores a inatividade física emerge como um fator modificável e independente da etnia, idade, morbidade, massa gorda, a sarcopenia está associada à inatividade física e nutrição.

Referências

- BAUMGARTNER, R.N.; KOEHLER, K.M.; GALLAGHER, D.; ROMERO, L.; HEYMSFIELD, S.B.; ROSS, R.R.; GARRY, P.J.; LINDEMAN, R.D. Epidemiology of sarcopenia among the elderly in New Mexico. **Am J Epidemiol** 147: 755-763, 1998.
- BREEN, L.; PHILLIPS, S.M. Skeletal muscle protein metabolism in the elderly: Interventions to counteract the "anabolic resistance" of ageing. **Nutrition & Metabolism**. 2011.
- CRUZ-JENTOFT, A.; LANDI F.; TOPINKOVÁ, E. et al. Understanding sarcopenia as a geriatric syndrome. **Curr Opin Clin Nutr Metab Care**. 2010.
- DIZ, B.M.; QUEIROZ, Z.; TAVARES, B.; PEREIRA, S. Prevalência da Sarcopenia em idosos: resultados de estudos transversais amplos em diferentes países. **Mot skills**, 2015.

ANAIS DE EVENTO

ECKARDT, K.; TAUBE, A.; ECKEL J. Obesity-associated insulin resistance in skeletal muscle: role of lipid accumulation and physical inactivity. **Rev Endocr Metab Disord**. 2011 Sep;12(3):163-72.

EVERSON, L.A.; LIMA, T.R.; MARCOS, G.N.; et al. **Envelhecimento, estresse oxidativo e sarcopenia: uma abordagem sistêmica**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, vl. 15, nº 2. Rio de Janeiro, 2012, p. 365-380.

GADELHA, B.; et al. Associação entre força, sarcopenia e obesidade sarcopênica com o desempenho funcional de idosos. **Revista Motricidade**, vl.10, nº 3, p.334-343, 2014.

GALLAGHER, D.; HEYMSFIELD, S.B. Muscle distribution: variations with body weight, gender, and age. **Appl Radiat Isto**. 1998.

HOUTKOOOPER, R.H.; et al. The metabolic footprint of aging in mice. **Sci Rep**. 2011.

HOWARD, C.; et al. Oxidative protein damage is associated with poor grip strength among older women living in the community. **J. Appl. Physiol**. 103:17–20, 2007.

JANG, Y. C.; VAN REMMEN, H. Age-associated alterations of the neuromuscular junction. **Exp. Gerontol**. P. 193–198, 2011.

KANDARIAN, S.C.; JACKMAN, R.W. Intracellular signaling during skeletal muscle atrophy. **Muscle Nerve**. P. 155-65, 2006.

KOOPMAN, R., VAN LOON, L.J. Aging, exercise and muscle protein metabolism. **J. Appl. Physiol**. 2009.

LARSSON, L.; SJODIN, B; KARLSSON, J. Histochemical and biochemical changes in human skeletal muscle with age in sedentary males, age 22-65 years. **Acta Physiol Scand** 1978.

LEE, C.K.; KLOPP, R.G.; WEINDRUCH, R.; PROLLA, T.A. Gene expression profile of aging and its retardation by caloric restriction. **Science**, 1999.

LEXELL, J. Human aging, muscle mass, and fiber type composition. **J Gerontol A Biol Sci Med Sci**, 1995.

MORLEY, J.E.; BAUMGARTNER, R.N; ROUBENOFF, R; et al. Sarcopenia. **J Lab Clin Med**. 2001.

NETO, L.S.S; KARNIKOWSKI, G.O.; TAVARES, A.B.; LIMA, R.M. Associação entre sarcopenia, obesidade sarcopênica e força muscular com variáveis relacionadas de qualidade de vida em idosos. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 16, n. 5, p. 360-7, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE – OMS. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015.

PADDON-JONES, D.; SHORT, K.R.; CAMPBELL, W.W.; et al. Role of dietary protein in the sarcopenia of aging. **Am J Clin Nutr**, 2008.

PARKER, M. H. The altered fate of aging satellite cells is determined by signaling and epigenetic changes. **Frontiers in Genetics**, 2015.

PORTER, M. M.; VANDERVOORT, A. A.; LEXELL, J. Aging of humans muscle: structure, function and adaptability. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 5, n. 3, p. 129-142, jun. 1995.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA- **Dados sobre envelhecimento no Brasil**. Brasília – DF.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

SILVA, A.S.; ARAMYS, C.F.; CARDOSO, S.C.; et al. **Caminhada para idosos: Uma iniciação no processo de tratamento da sarcopenia**. Recife: JEPEX, 2013.

SIU, P.M.; PISTILLI, E.E.; ALWAY, S.E. Age-dependent increase in oxidative stress in gastrocnemius muscle with unloading. **J. Appl. Physiol**, 2008.

TAN, L.J.; LIU, S.L., LEI, S.F.; PAPASIAN, C.J.; DENG, H.W. Molecular genetic studies of gene identification for sarcopenia. **Hum Genet**. 2012.

ANÁLISE DA PRESSÃO ARTERIAL PRÉ E PÓS INTERVENÇÕES DE TREINAMENTO RESISTIDO EM MULHERES IDOSAS

Carla Carolina Rodrigues da Silveira¹, Júlio César Apolinário Maia², Fabrício Galdino Magalhães³.

1- Discente do curso de Licenciatura em Educação Física - UEG/ ESEFFEGO - ccarolrss@gmail.com.

2- Discente do curso de Licenciatura em Educação Física - UEG/ ESEFFEGO.

3- Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física – UEG/ ESEFFEGO.

Palavras-chave: Treinamento Resistido; Pressão Arterial; Idosas.

Introdução

O envelhecimento populacional é um acontecimento mundial que se reproduz também aqui no Brasil. NÓBREGA *et al.* (1999), em um posicionamento da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, já destacava estimativas do IBGE de que em 2030 o Brasil será a sexta população mundial em número incondicional de idosos. As doenças relacionadas ao envelhecimento estão acarretando graves aumentos da despesa de assistência à saúde e gerando um grande impacto na economia dos países. Há evidências de que para melhorar e promover a saúde do idoso deve-se gerenciar prevenção dos problemas de saúde hospitalares mais comuns. As intervenções precisam estar voltadas na prevenção de doenças cardiovasculares, pois são as maiores causas de índice de mortalidade.

O envelhecimento é algo natural do ser humano. De acordo com alguns autores, o envelhecimento se manifesta como um conjunto de complicações da saúde e implicações com o passar dos anos. O idoso quando envelhece de forma biológica, é comparado a uma invalidez morfofuncional que prejudica os sistemas orgânicos e o sistema imune. A senescência é outro nome que se pode dar ao envelhecimento, porém é considerada senescência apenas o processo, o início das disfunções. Não é considerada doença, pois se trata de um procedimento natural da vida humana.

Especulando acerca do desempenho físico e funcional em conjunto ao envelhecimento, Ribeiro (2016) afirma a possibilidade do exercício resistido ser entendido enquanto uma possível ferramenta de aprimoramento a esta necessidade. A título de destaque este autor ressalva ainda sobre a essencialidade deste exercício mediante a prevenção de uma série de enfermidades, que se mostram facilitadas conforme o avanço da idade cronológica.

Autenticando esta lógica de pensamento, Campos *et al* (2010) consideram o exercício físico como um instrumento capacitado a desaceleração do declínio das funcionalidades orgânicas do processo de envelhecimento, tendo em vista que promovem benefícios na retenção cardíaca, força muscular, respiração, cognição, memória recente e habilidades sociais. Afirmam ainda que o tipo de exercício que maior apresenta eficácia à prevenção dos efeitos deletérios

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

(condicionados a este declínio de funcionalidades do organismo diante da senescência), é o exercício resistido, visto que este aumenta a aptidão aeróbica, amplia as capacidades físicas cotidianamente usuais e previne a sarcopenia.

O exercício resistido segundo Vaisberg e Mello (2010) é tão importante quanto o aeróbico, pois se torna essencial para o incremento da massa muscular com finalidade de promover manutenção da massa óssea, estabilização das articulações e melhoria da mobilidade.

Outro efeito promovido pelo exercício resistido, inclusive alvo de análise deste estudo, é a redução da pressão arterial pós-exercício em relação aos níveis pré-exercício. Há estimativas que pelo menos 65% da população idosa do Brasil é hipertensa e grande parte apresenta elevações isoladas ou preeminente da pressão sistólica, aumentando a pressão de pulso e mostrando forte relação com episódios cardiovasculares. Para o tratamento da hipertensão arterial em idosos é essencial avaliações de comorbidades e ingestão de medicamentos anti hipertensivos. O tratamento tem o objetivo de reduzir gradualmente a pressão arterial para níveis abaixo de 140/90 mmHg (BRASIL, 2009).

A partir desta prerrogativa se questiona, neste estudo, se ao iniciarem uma sessão de exercício resistido os idosos estão levando em consideração o estabelecimento de níveis pressóricos ideais. Também se questiona se estes níveis pressóricos, pré e pós-exercício físico, corroboram para o que convencionalmente os estudos apontam, ou seja, para uma redução da pressão arterial pós quando comparada aos níveis pré-exercício. A ingestão de medicamentos anti-hipertensivos é respaldo para a promoção de exercício resistido a esta classe de indivíduos? Ela está sendo conciliada ao uso de anti-inflamatórios não hormonais? Neste sentido, o objetivo deste presente trabalho foi analisar a pressão arterial antes e depois de idosas praticantes de treinamento resistido.

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo de delineamento longitudinal.

A amostra foi constituída por mulheres adultas idosas, igual ou acima de 60 anos, praticantes de musculação, pelo menos 70% de presença e se houvesse desistência.

Para a coleta de dados inicial, foi explicado às idosas acerca da pesquisa e seus procedimentos. Após consentirem, assinaram um Termo de Consentimento Livre e esclarecido. Deixou-se claro que a pesquisa não ia trazer problemas e nem risco para a saúde das participantes. A pressão arterial foi aferida em repouso no primeiro dia e no último dia de intervenção. O esfigmomanômetro utilizado foi de marca OMRON. Logo após a aferição da pressão arterial foi realizado a anamnese.

Ao todo foram três meses de intervenções (90 dias) com duração de 50 minutos por duas vezes na semana no período matutino. As sessões compreenderam exercícios multiarticulares para membros inferiores e superiores.

Para a análise dos dados, foi utilizada estatística descritiva (média e erro padrão) e, estatística inferencial, verificando a distribuição dos dados (Shapiro Wilk) e para comparação de

ANAIS DE EVENTO

hipóteses, foi utilizado o teste t-student para amostras pareadas, considerando intervalo de confiança de 95% e nível de significância de $p < 0,05$.

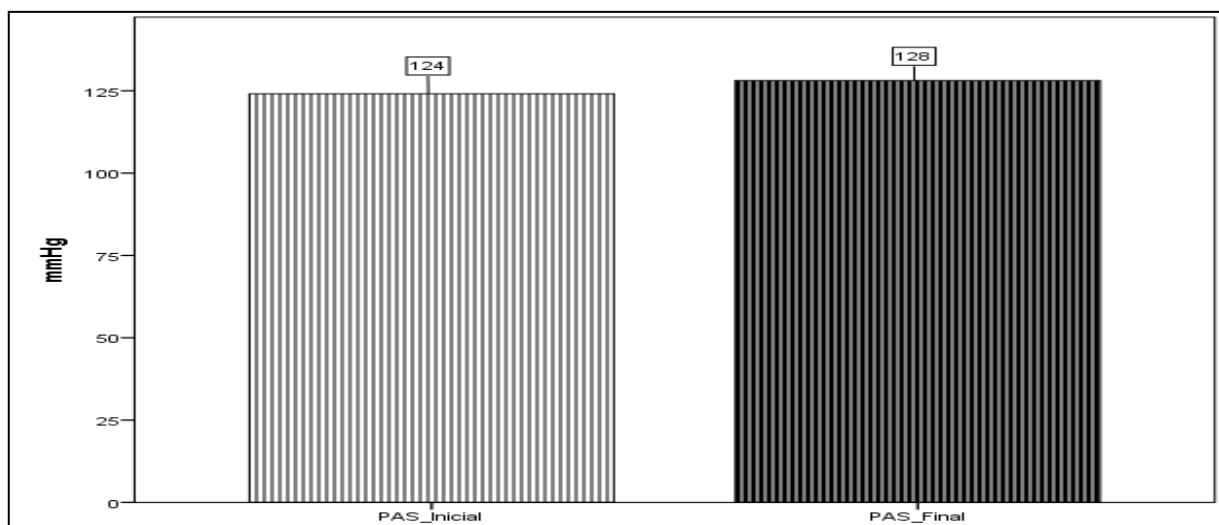
Resultados

A amostra foi constituída por 20 mulheres idosas com idade média de 67,75 ($\pm 6,58$) anos. Inicialmente, 75% da amostra se caracterizava enquanto hipertensa, realizava acompanhamento anti-hipertensivo. Os outros 25% apesar de declarar ausência de quadro hipertensivo, apresentava valores pressóricos característicos de hipertensos.

Levando em consideração os valores de pressão arterial sistólica que caracterizaram a amostragem total durante o estágio inicial deste estudo, tem-se: 45% vinculadas ao nível "ótimo" (< 120 mmHg); 15% ao nível "normal" (120-129 mmHg); 25% ao nível "limítrofe" (130-139 mmHg); 15% ao nível "hipertensão estágio 1" (140-159 mmHg); 5% ao nível "hipertensão estágio 2" (160-179 mmHg) e; nenhum ao nível "hipertensão estágio 3" (> 179 mmHg). Ao que concerne os valores de pressão arterial diastólica caracterizantes do estágio inicial da amostra total, tem-se: 80% vinculadas ao nível "ótimo" (< 80 mmHg); 5% ao nível "normal" (80-84 mmHg); 10% ao nível "limítrofe" (85-89 mmHg); nenhum ao nível "hipertensão estágio 1" (90-99 mmHg); 5% ao nível "hipertensão estágio 2" (100-109) e; nenhum ao nível "hipertensão estágio 3" (> 109 mmHg)¹.

Os resultados relativos ao valor da pressão arterial sistólica durante o estágio final do estudo constataram pequeno decréscimo ao percentual de idosas vinculadas tanto ao nível "ótimo" (30%) quanto "limítrofe" (10%), em contrapartida presenciou-se um acréscimo aos níveis "normal" (35%) e "hipertensão estágio 1" (20%). Contatou-se manutenção do percentual restante (5%) ao vínculo "hipertensão estágio 2". A comparação entre a pressão arterial sistólica média durante os dois momentos considerados neste estudo pode melhor ser expresso no gráfico 1.

Figura 1. Comparação crônica da pressão arterial sistólica (PAS) após a prática de sessões de treinamento resistido por mulheres adultas idosas hipertensas.



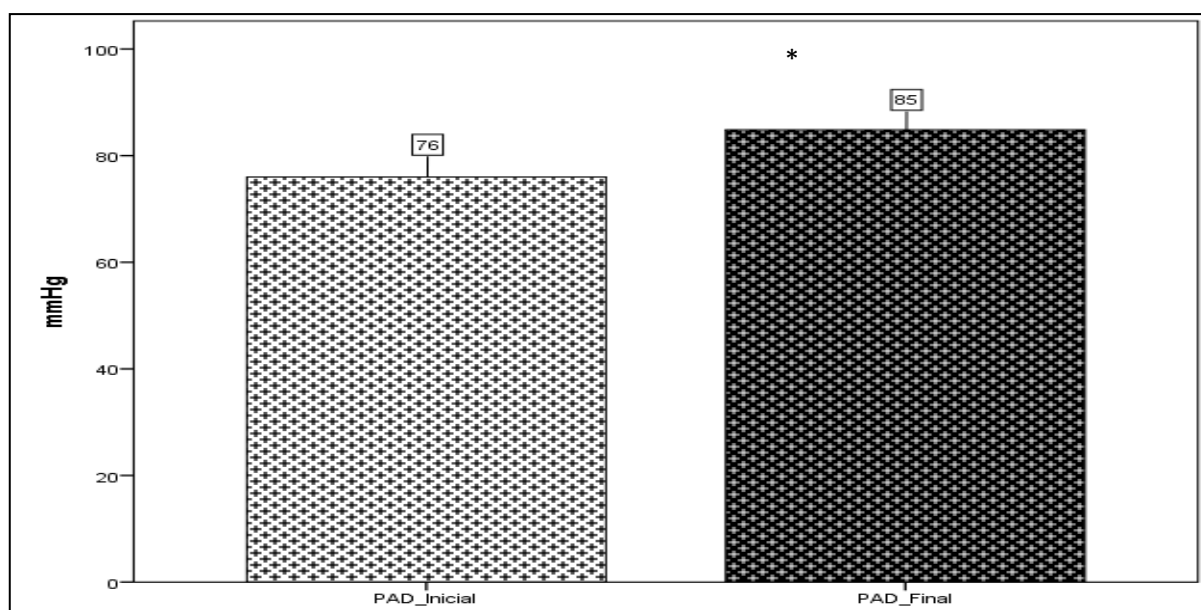
$p=0,279$.

¹Valores de classificação referentes à VII Diretriz Brasileira de Hipertensão (2016).

Não corroborando com o que convencionalmente alguns estudiosos abordam acerca dos efeitos de um treinamento resistido sobre a pressão arterial, como Cunha *et al.* (2012) ao analisarem direção de proporcionalidade existente entre a intensidade do exercício e a eficácia de seus efeitos, os valores pressóricos pós exercício resistido em idosas hipertensas durante três meses de intervenções aumentaram, todavia não apresentando diferença estatisticamente significativa.

O valor da pressão arterial diastólica durante o estágio final do estudo, por sua vez, constatou grande decréscimo ao percentual de idosas vinculadas ao nível "ótimo" (35%) e pequeno decréscimo quanto ao nível "hipertensão estágio 2". Estes decréscimos se refletem respectivamente em decorrência de um acréscimo ao nível "normal" (25%) e "hipertensão estágio 3" (10%). Constatou-se acréscimo também ao nível "hipertensão estágio 1" (15%) e "limítrofe" (15%). A comparação entre a pressão arterial diastólica média durante os dois momentos considerados neste estudo pode melhor ser expresso no gráfico 2.

Figura 2. Comparação crônica da pressão arterial sistólica (PAD) após a prática de sessões de treinamento resistidos por mulheres adultas idosas hipertensas.



p=0,001.

Os resultados do treinamento resistido para com os valores pressóricos diastólicos se apresentaram semelhante aos sistólicos, o gráfico, portanto, permite enxergar um aumento da pressão arterial sistólica média das idosas. Em estudo paralelo, Fonseca *et al.* (2007), buscando analisar a variação da pressão arterial em 28 indivíduos idosos hipertensos submetidos a exercícios físicos leves sob orientação de professores de educação física, constatam em parte de sua amostragem uma elevação da pressão arterial média. Estes autores relatam que uma possível explicação para a não conformidade com o que convencionalmente as pesquisas acerca deste tema concluem, se dá pelo uso de anti-inflamatórios não hormonais devido a dores articulares,

ANAIS DE EVENTO

tendo em vista que estas se responsabilizam pela capacidade de inferir sobre o controle da pressão arterial.

A prerrogativa destes autores nos permite considerar um dado importante característico a grande parte da amostragem deste estudo, o relato acerca de acompanhamento ortopédico. Este relato corrobora com os achados de Fonseca *et al.* (2007), tendo em vista que justificam o aumento dos valores pressóricos médios de boa parte das idosas que compõem esta amostra, apresentando grau de significância ($p=0,001$).

Conclusões

Os níveis pressóricos pré e pós-exercício físico não corroboraram para o que convencionalmente os estudos apontam, ou seja, para uma redução da pressão arterial pós quando comparada aos níveis pré-exercício. Este fato nos permite concluir que a ingestão de medicamentos anti-hipertensivos, mesmo subsidiando respaldo à promoção de exercícios * resistidos aos idosos, não pode ser conciliada ao uso de anti-inflamatórios não hormonais, uma possível justificativa para o aumento dos valores pressóricos médios de boa parte das idosas que compuseram a amostragem deste estudo.

Isso nos leva a crer também que por influência da frequência do treino estabelecido o treinamento resistido pode não ser o ideal exercício físico para idosas hipertensas, desta forma o estabelecimento e controle sobre o quantitativo de treino durante a semana pode ser uma boa opção para o melhor controle da pressão. Indica-se que mais estudos sejam feitos com idosas hipertensas em função de uma frequência maior de treino.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Hipertensão arterial sistêmica para o sistema único de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- CUNHA, Eline Silva da; MIRANDA, Patrícia Angélica de; NOGUEIRA, Silva; COSTA, Eduardo Caldas; SILVA, Eliane Pereira da; FERREIRA, Gardênia Maria Holanda. Intensidades de treinamento resistido e pressão arterial de idosas hipertensas – um estudo piloto. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 18, n. 6, . 373-376, nov/dez, 2012.
- FONSECA, Walter Luiz M. S. da.; FONSECA, Marcilene M. A.; OLIVEIRA, Ivanete R. S. de; MIRANDA, Denise B.; PRADO JÚNIOR, Pedro S. do. Influência do exercício leve na pressão arterial de idosos em uso de anti-inflamatórios não hormonais. **Cadernos UniFOA**, n. 5, p. 84-87, dez, 2007.
- NÓBREGA, et al. Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: atividade física e saúde no idoso. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.5, n.6 p.207-211, nov/dez, 1999.
- VAISBERG, Mauro; MELLO, Marco Túlio. **Exercícios na saúde e na doença**. Barueri, SP: Manole, 2010.

INSERÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ALCOOL E OUTRAS DROGAS (CAPS-Ad)

Carolina Cristina Rodrigues

Especialista em Educação Infantil - ESEFFEGO-UEG - carolcrisrodrigues@gmail.com.

Palavras chaves: Educação Física; Práticas Corporais; Equipe Multidisciplinar.

Introdução

A articulação entre educação física e saúde vem sendo discutida desde o período chamado higienista na história da Educação Física, onde a sociedade necessitava de homens saudáveis, disciplinados, que seriam a expressão viva de uma nação forte. Porém o que acontecia realmente no higienismo era uma falsa preocupação com a saúde da população, pois a lógica era o avanço do capital e para isso eram necessários homens com vigor físico, disciplinados, para levar o país a desenvolver a produção e reprodução de uma sociedade capitalista (SOARES, 1994). A importância de relacionar a saúde com a Educação Física vinha de acordo com o momento histórico, direcionando o que convinha para o Estado, sem se preocupar realmente com a saúde do indivíduo ou da população (CARVALHO, 2001).

A Educação Física higienista e militarista do início do século XX se preocupava com homens fortes e robustos para representar a nação. Depois a Educação Física passou por um período esportivista, onde o Estado utilizou da ascensão, principalmente do futebol, para controle da massa, e assim começaram os incentivos ao esporte de alto rendimento. Durante esses momentos históricos sempre havia um discurso com relação à saúde, mais ou menos intensos. Durante os anos 1980, a Educação Física passa por mudanças, começa a discutir questões teórico-metodológicas, e vai se constituindo como uma disciplina obrigatória na Educação Escolar (SOARES, 1994).

A partir da década de 1980, no período chamado crítico ou progressista na Educação Física, adentram na Educação Física reflexões advindas das discussões das Ciências Humanas e Sociais e começa-se a repensar a educação e o espaço da escola. Em seguida, a saúde (pautada até então em concepções reducionistas, calcadas nas Ciências Biológicas) também passa a ser questionada, o que pode ser observado em obras como "O Mito da Atividade Física e Saúde" de Yara Carvalho (1994), entre outras. Aos poucos a dimensão da Saúde Coletiva começa a ser abordada no campo acadêmico da Educação Física e nos espaços de intervenção, abrindo-se possibilidades de atuação do professor de Educação Física no SUS (Sistema Único de Saúde).

A forma hegemônica de trato com a saúde das pessoas na Educação Física está pautada na prescrição de exercícios físicos para o sujeito individual, entendidos numa relação de causalidade direta entre atividade física e saúde. Por isso o interesse em investigar como esses profissionais de educação física estão atuando: como estamos falando de um campo novo de atuação, esta pesquisa tem como objetivo analisar essa recente inserção num espaço de atuação vinculado ao SUS.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) têm como objetivo oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, sendo um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves, incluindo os transtornos relacionados a substâncias psicoativas (álcool e outras drogas). Existem vários tipos de CAPS, como os CAPS I, II, III, Centro de Atenção Psicossocial para infância e adolescência (CAPSi) e Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas (CAPSad), conforme abordaremos no decorrer do texto (BRASIL, 2004).

Este trabalho tem como foco os CAPS-ad, que trabalham com atendimento diário à população com transtornos decorrentes do uso e dependência de álcool e outras drogas, segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2004). Os CAPS possuem equipes multiprofissionais para atender os usuários e dentre esses profissionais está o professor de Educação Física. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar o papel e a intervenção do professor de Educação Física nos CAPS-ad da cidade de Goiânia-GO. Como objetivos específicos, pretendeu-se: investigar o papel e as atribuições dos professores de Educação Física no CAPS-Ad e analisar a prática pedagógica dos profissionais de Educação Física que tem atuado nos CAPS-Ad de Goiânia-GO. Partiu-se da premissa de que os profissionais de Educação Física não têm claro qual sua função dentro dos CAPS e isso se reflete na sua atuação pedagógica.

Em conjunto com os debates realizados no campo acadêmico da Educação Física, estão se abrindo novas possibilidades de intervenção do professor de Educação Física na área da saúde, tais como os espaços públicos de saúde vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS é um dos produtos da Reforma Sanitária Brasileira e, por isso, pode-se perceber que desde seu surgimento dialoga com o conceito de saúde ampliada e assume compromisso com uma perspectiva crítica de atuação, que exige a superação da lógica causal, prescritiva, normativa e culpabilizadora dos sujeitos.

Metodologia

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, sendo a matriz teórica o materialismo histórico dialético. O campo de pesquisa foi constituído pelos CAPS-ad da cidade de Goiânia-GO. Esta cidade possui apenas dois CAPS que lidam com a especificidade de trato com álcool e outras drogas, um deles atende crianças e jovens até 18 anos (iremos identificá-lo a partir de agora como CAPS 1) e o outro atende adultos a partir de 18 anos (identificado no trabalho como CAPS 2). As técnicas de coleta de dados foram realizadas de modo que permitissem que o objeto se mostrasse ao pesquisador. Foram escolhidas como técnica de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas com os professores de Educação Física dos CAPS e a observação da rotina de trabalho de dois destes mesmos professores.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

Análise dos dados

Segundo o Ministério da Saúde, os CAPS devem oferecer diversas atividades previstas no manual do CAPS tais como:

- Atendimento individual: prescrição de medicamentos, psicoterapia, orientação;
- Atendimento em grupo: oficinas terapêuticas, oficinas expressivas, oficinas geradoras de renda, oficinas de alfabetização, oficinas culturais, grupos terapêuticos, atividades esportivas, atividades de suporte social, grupos de leitura e debate, grupos de confecção de jornal;
- Atendimento para a família: atendimento nuclear e a grupo de familiares, atendimento individualizado a familiares, visitas domiciliares, atividades de ensino, atividades de lazer com familiares;
- Atividades comunitárias: atividades desenvolvidas em conjunto com associações de bairro e outras instituições existentes na comunidade, que têm como objetivo as trocas sociais, a integração do serviço e do usuário com a família, a comunidade e a sociedade em geral. Essas atividades podem ser: festas comunitárias, caminhadas com grupos da comunidade, participação em eventos e grupos dos centros comunitários;
- Assembléias ou Reuniões de Organização do Serviço: a Assembléia é um instrumento importante para o efetivo funcionamento dos CAPS como um lugar de convivência. É uma atividade, preferencialmente semanal, que reúne técnicos, usuários, familiares e outros convidados, que juntos discutem, avaliam e propõem encaminhamentos para o serviço. Discutem-se os problemas e sugestões sobre a convivência, as atividades e a organização do CAPS, ajudando a melhorar o atendimento oferecido. (BRASIL, 2004, p. 17).

Em todas essas atividades descritas os professores de educação física atuam, e durante a entrevista, quando foi feita a pergunta se eles achavam que essas atividades eram função do professor de educação física, eles disseram que sim, afirmando que eram função ou papel deles.

Considerações Finais

Para a realização dessa pesquisa, fez-se necessário a autorização da secretaria de saúde para entrada no campo, como não tínhamos contato direto com os usuários, alegamos isso junto a secretária, que em fim, autorizou nossa entrada, porém ao término dessa pesquisa conseguimos entender que realmente se faz necessário uma certa restrição para entrada no campo, pois não podemos esquecer que os usuários estão em fase de tratamento, se não tiver pelo menos um mínimo de controle, isso pode influenciar no processo de tratamento, na verdade todo e qualquer contato irá gerar uma certa influência, porém esse controle deve ocorrer para que influências positivas possam ocorrer nesse espaço.

Ainda há poucas publicações nessa linha de Educação Física e saúde mental, então esse também foi um fator que dificultou a pesquisa, ao mesmo tempo em que a justificou. Após o primeiro contato com a instituição pudemos perceber quão importantes e necessários se faz a presença de novas pesquisas nessa área ainda recente da inserção do professor de Educação Física, pois como o campo na saúde mental ainda é novo, pensamos que trabalhos com essa

ANAIS DE EVENTO

temática pode auxiliar e muito a própria atuação desses profissionais presentes nesses campos, sendo que a Educação Física se constitui como uma profissão legalizada e de extrema importância nesses espaços, sabemos que o campo de Educação Física pensada nas relações de prática corporais tem muito a contribuir com o tratamento nesses indivíduos, pois os mesmos nessa lógica fogem da relação reducionista da prática pela prática da atividade física

A proposta do trabalho era identificar o papel e as atribuições do professor de Educação Física dentro dos CAPS, pudemos constatar que o papel e as atribuições são semelhantes entre os profissionais de nível superior atuantes dentro do CAPS, no que diz respeito a todos os profissionais possuem uma função terapêutica. Com relação à especificidade da Educação física, percebemos que ocorre durante as oficinas, onde os professores trabalham com práticas corporais que vão desde atividades ao ar livre como alongamentos e caminhadas, além de filmes, palestras e discussões. Percebemos que a Educação Física se faz presente nos CAPS como uma profissão legitimada e com um espaço já alcançado dentro da equipe multiprofissional.

A problemática proposta para esse trabalho partia da premissa que os professores não tinham claro qual sua função dentro do CAPS e isso influenciava em sua atuação pedagógica. Os dados apontaram, conforme observamos, que essa premissa não se confirmou, pois os professores não só tem bem claro sua função dentro dos CAPS, como entendem que todas as atividades propostas tem intencionalidade pedagógica e assumem compromisso social com os usuários.

Ao chegarmos ao CAPS, pudemos nos deparar com uma realidade que bate a nossa porta todos os dias, mas continuamos a fechar nossos olhos para ela, pois os usuários presentes nesses espaços são frutos de uma sociedade capitalista onde aqueles que não possuem recursos financeiros ficam a margem da sociedade, suscetíveis a toda e qualquer fragilidade, pois como vimos, a maioria dos usuários, perderam o vínculo com a família, ou vivem em um ambiente familiar sem qualquer estrutura. A saúde desses indivíduos não deve ser vista apenas quando o problema já está presente, mas políticas de prevenção e cuidado do adolescente devem ser implantadas e postas em ação, pois os profissionais presentes nesse espaço específico do CAPS 1 para crianças e adolescentes possuem capacidade de trabalhar também com a prevenção, porém para que isso aconteça se faz necessário recursos para a Saúde. Deve-se pensar em Saúde a partir daí, e não apenas esperar que os indivíduos adoeçam, destruam seus laços com a sociedade, os laços familiares, para depois tratar da sua doença.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde-**Departamento de Atenção Básica - DAB - Leis Orgânicas da Saúde Conselho Nacional de Saúde. Portaria Nº 648, de 28 de março de 2006.** Brasília- DF, 2006. Disponível em internet. Pg inicial <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/>. Pg final.http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/legislacao/portaria_648_28_03_2006.pdf. Acesso em 24/09/2011.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

CARVALHO, Yara M. **Saúde, sociedade e vida um olhar da educação física**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, maio 2006.

CARVALHO, Yara M. **Educação Física e Saúde**: releitura e perspectiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 12. **Anais...** 2001, Caxambu. MG: CBCE. CD-ROM.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Das possibilidades às incertezas: instrumentos para intervenção do profissional de educação física no posto de saúde**. In: FRAGA, Alex Branco. WACHS, Felipe (orgs.). Educação física e saúde coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 73-80.

LOVISOLO, H. R. **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MINAYO, Maria, Cecília, Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed. São Paulo. Ed. Hucitec, 2008.

PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

SILVA, Lucimara Alves. SANTOS, Jair Nascimento. **Concepções e Práticas do Trabalho e Gestão de Equipes Multidisciplinares em saúde**. PARIS, 2012.

SCHNEIDER Maria Denis et all. **Desenferrujando as dobradiças: as práticas corporais na maturidade** In: Práticas corporais / Ana Márcia Silva, Iara Regina Damiani, organizadoras. – Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. 3v. : il.

SOARES, Carmem, Lucia. **Educação física: raízes européias e Brasil**. Campinas, SP. Ed. Autores associados, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução á pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELLOSO, C. **Equipe Multiprofissional de Saúde**. Revista E.F. nº 17, p.24-26, setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3597>> Acesso em: 02/05/2012.

WACHS, Felipe. **Educação Física e mental: uma prática de cuidado emergente em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**. Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

EFEITO DO EXERCÍCIO RESISTIDO NA ÁREA MUSCULAR DO BRAÇO E NA PRESSÃO ARTERIAL DE MULHERES ADULTAS E IDOSAS COM E SEM EXCESSO DE MASSA CORPORAL

Gabriela de Oliveira Teles¹, Gustavo Osório Zanina², Maria Sebastiana Silva³.

1- Bolsista de Iniciação Científica FEFD/UFG - gabrielaef.ufg@hotmail.com.

2- Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde - FEFD/UFG.

3- Professora Orientadora - FEFD/UFG.

Palavras-chave: Massa Magra corporal; Gordura Corporal; Pressão Arterial; Treinamento Resistido.

Introdução

Entre os fatores de risco para doenças cardiovasculares, a obesidade merece destaque, pois é um fator predisponente para a hipertensão arterial e em cerca de 25% da população adulta. Dados obtidos de estudo realizado entre universitários mostrou que 75% dos homens e 65% das mulheres apresentam hipertensão diretamente atribuível a sobrepeso e obesidade. Estima-se que o excesso de massa corporal e a obesidade causem 2,8 milhões de mortes a cada ano e que a pressão arterial elevada é responsável por 13,0% das mortes no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2009; MALTA et al., 2011). Os riscos de doença cardíaca, acidente vascular encefálico (AVE) e diabetes aumentam consideravelmente com o excesso de massa corporal. (MALTA et al., 2011).

Com o processo de envelhecimento ocorre redução da massa livre de gordura corporal e aumento de massa gorda, decorrente da diminuição da taxa metabólica (cerca de 10% ao ano), da inatividade e dos maus hábitos alimentares (SPIRDUSO, 2005). Com o aumento da quantidade de gordura corporal fica evidente que com o envelhecimento há maior risco de desenvolvimento das doenças cardiovasculares

A prática de exercício físico é considerada uma estratégia não farmacológica eficaz na prevenção e tratamento das desordens cardiometabólicas, visto que há evidências de uma relação inversa entre o sedentarismo e a saúde (CIOLAC; GUIMARÃES, 2004). Pessoas que são insuficientemente ativas têm de 20,0 a 30,0% maior risco de todas as causas de morte (World Health Organization, 2010) e a prática regular de exercícios físicos reduz a ocorrência de doenças circulatórias, hipertensão, diabetes, câncer de mama e de cólon, além de depressão (MALTA et al., 2011)

Com o avançar da idade são observados declínios de 4,2 a 5,6% no número de fibras musculares a cada década de vida (DAW et al. 1988). Entre os 25,5 e 82 anos de idade a área seccional do braço declina em média 43% e esta redução é acompanhada de um menor número total de fibras (50%) e atrofia principalmente das fibras de contração rápida (28%) (ROGATTO;

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

GOBBI, 2001; LEXELL et al., 1988).

Para o estudo da composição corporal, uma das técnicas mais simples, menos dispendiosas e com boa precisão pode ser a estimativa da área tecidual do anel de gordura e da massa muscular do braço.

O treinamento resistido, que utiliza predominantemente o metabolismo anaeróbio, promove ajustes funcionais e morfológicos que incluem o aumento no recrutamento e frequência de disparo das unidades motoras, aumento da área de secção transversa fisiológica e da espessura muscular no musculoesquelético, além de conversão das fibras tipos IIX e IIA (CADORE; PINTO; KRUEL, 2012). Desse modo o presente estudo teve como objetivo avaliar os efeitos do exercício resistido em circuito sobre a área muscular do braço e a pressão arterial em mulheres fisicamente inativas, adicionalmente as alterações foram associadas com índice de massa corporal.

Metodologia

Caracteriza-se como um estudo experimental com duração de 14 semanas no qual se avaliou o efeito do exercício resistido sobre os níveis pressóricos e composição corporal de mulheres adultas com índice de massa corporal elevado.

Inicialmente 59 mulheres dispuseram-se a participar do estudo, realizaram as avaliações iniciais, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e deram prosseguimento aos exercícios. Foram desconsiderados os resultados das mulheres com percentual de frequência menor do que 50% e aquelas não realizaram as avaliações finais, restando então 30 mulheres.

As avaliações (questionário, medidas antropométricas e da pressão arterial) foram realizadas no Laboratório de Fisiologia, Nutrição e Saúde da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG, por professores e graduandos de educação física e nutrição, antes e após a participação no programa de exercícios físicos.

Os dados sobre a presença de doenças e uso de medicamentos foram obtidos por meio de questionário estruturado, o nível de atividade física foi avaliado pelo questionário internacional de atividade física IPAQ (versão curta) validado para a população brasileira (MATSUDO et al, 2001). Para realização das medidas antropométricas os indivíduos deveriam estar descalços e com roupas leves. A massa corporal (MC) foi mensurada com uma balança antropométrica digital, com precisão de 0,1 kg (Toledo, São Paulo/Brasil), a estatura (E) com um estadiômetro portátil com precisão de 0,5 cm (Sanny, São Paulo/ Brasil). O índice de massa corporal (IMC) foi calculado a partir da relação entre a massa corporal (MC) e o quadrado da estatura (E) ($IMC = MC/E^2$) (PETROSKI, 2009). Foram aferidas também a circunferência do braço e a dobre cutânea tricipital. A área muscular do braço (AMB) foi avaliada de acordo o protocolo de Heymsfield et al. (1982), para mulheres: $AMB (cm^2) = \{[CB (cm) - \pi \times DCT(mm)/10]^2\} / 4\pi - 6,5$.

Para mensuração da pressão arterial sistólica (PAS) e pressão arterial diastólica (PAD) foi utilizado um aparelho semiautomático (G.TECH – MA100, São Paulo/Brasil) de acordo com as recomendações da 7ª Diretriz da Sociedade Brasileira de Cardiologia (Sociedade Brasileira de Cardiologia, 2016). A partir dos valores da pressão arterial sistólica (PAS) superior a 130 mmHg e

pressão arterial diastólica (PAD) superior a 85 mmHg ou uso de medicamento anti-hipertensivo, as mulheres foram classificadas em dois grupos: com valores de pressão arterial dentro da normalidade (PAN) e valores de pressão arterial acima da normalidade (PAAN) (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA, 2016).

O protocolo de exercícios resistido teve duração de 14 semanas, sendo as duas primeiras semanas para adaptação e 12 semanas de treinamento, compostas por 3 sessões de treino semanal em dias não consecutivos, com duração de 60 minutos cada. Todas as sessões de exercícios foram acompanhadas por professores de educação física e foram compostas por 1) aquecimento em intensidade autoselecionada, com duração de 10 minutos mediante realização de atividades que elevavam a FC e o metabolismo basal; 2) treinamento em circuito com pesos livres, composto por 6 a 8 estações de exercício, com duração aproximada de 40 minutos; 3) desaquecimento e alongamento, com duração de 10 minutos. Para realização dos exercícios foi utilizado o próprio peso corporal, halteres, barras, anilhas, bolas de peso (medicine ball), colchonetes, bola Suíça e elásticos. A intensidade dos exercícios foi avaliada ao final de cada sessão, tendo como referência a escala de percepção subjetiva de esforço de Borg CR-10.

Os dados foram analisados quanto à normalidade pelo teste Shapiro Wilk. Aquele com distribuição normal estão apresentados em média e desvio padrão e os sem normalidade em interquartil. A comparação entre os momentos inicial e final foi realizada por meio do test t para dados paramétricos e teste de Wilcoxon ou Mann-Whitney para dados não paramétricos. O nível de significância adotado foi $p < 0,05$. A análise dos dados foi realizada no programa SPSS, com nível de significância de 5%.

Resultados

Para avaliação do efeito do treinamento as mulheres foram divididas em dois grupos: eutróficas – GE (n=8) e excesso de massa corporal – GEMC (n=22), com base nos valores de IMC. Os resultados mostraram que após a participação no programa de exercícios as mulheres do GE tiveram redução média, mas não significativa da MC (-2,0%), IMC (-0,9%), DCT (-0,9%), e PAD (-2,3%) e aumento médio da CB (+2,1%), AMB (+17,4%) e PAS (+1,7%).

Reduções não significativas foram observadas na MC (-0,4%), IMC (-7,0%), CB (-0,3%), DCT (-16,1%), PAS (-0,10%) e PAD (-0,8%), mas houve aumento significativo na AMB (+3,1%) entre as mulheres com excesso de massa corporal.

Apesar de não ter observado diferenças significativas nas variáveis antropométricas entre os grupos nos dois momentos da pesquisa, foi encontrado que no grupo normotensos um aumento significativo ($p=0,015$) na área muscular do braço após o programa de exercícios físicos (Tabela 5). Embora não tenha havido diferença significativa, foi encontrado redução da dobra cutânea tricipital nos dois grupos: PAN (-12,5%) e PAAN (-11,47%), e na área muscular do braço dos hipertensos (PAAN= -14,3%).

Tabela 1. Comparação das variáveis antropométricas, obtidas antes e após o programa de exercícios físicos, em cada grupo classificado de acordo com a pressão arterial.

Variáveis	PAN (n=20)			PAAN (n=10)		
	Antes	Após		Antes	Após	
IMC (kg/m ²)	27,4	27,2	0,2	26,2	25,2	0,4
	(4,7)††	(4,3)††	73	(23,5-35,8)†	(22,8-41,4)†	45
CB (cm)	32,5	32,7	0,4	32,5	31,0	0,7
	(3,7)††	(3,6)††	33	(27,9-42,4)†	(29,6-39,4)†	67
DCT (mm)	27,9	24,4	0,0	30,5	27,0	0,1
	(24,4-34,7)†	(23,5-29,0)†	87	(22,6-45,0)†	(24,0-42,0)†	14
AMB (cm ²)	36,9	40,3	0,0	41,7	35,7	0,1
	(8,6)††	(8,3)††	15	(24,5-56,3)†	(34,0-49,3)†	14

PAN – grupo de mulheres com pressão arterial normal; PAAN – grupo de mulheres com pressão arterial acima do normal; IMC – índice de massa corporal; CB – circunferência do braço; DCT – dobra cutânea tricipital; AMB – área muscular do braço; † valor de p obtido pelo teste Wilcoxon (nível de significância p<0,05); †† valor de p obtido pelo teste t Student (nível de significância p<0,05).

Conclusões

Os resultados encontrados permitiram concluir que 14 semanas de exercício físico resistido não promoveu redução expressiva nos níveis pressóricos, massa corporal e no IMC das mulheres eutróficas e com excesso de massa corporal. Contudo, foi observado aumento da massa magra e redução de gordura corporal entre as mulheres com excesso de peso corporal. Também foi constatado que as mulheres com índices normais de pressão arterial tiveram aumento significativo de massa magra após participação no programa de exercícios.

Referências

CADORE, E. L.; PINTO; R. P. S.; KRUEL. L. F. M. Adaptações neuromusculares ao treinamento de força e concorrente em homens idosos. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v.14, n.4, p. 483-495, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/87067>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

CIOLAC, E. G.; GUIMARÃES G. V. Exercício físico e síndrome metabólica. **Revista brasileira medicina do esporte**, v.10, n.4 p.319-324.

ANAIS DE EVENTO

DAW, C.K.; STARNES, J.W.; WHITE, T.P.; Muscle atrophy and hypoplasia with aging: impact of training and food restriction. **Journal of Applied Physiology**, Bethesda, v. 64, n. 6, p. 2428-32, Jun 1988.

HEYMSFIELD, S. B.; MCMANUS, C.; SMITH, J.; STEVENS, V.; NIXON, D. W.

Anthropometric measurement of muscle mass: revised equations for calculating bone-free arm muscle area. **Am J Clin Nutr**, 1982; 36:680-90.

LEXELL, J.; TAYLOR, C.; SJOSTROM, M. What is the cause of aging atrophy? Total number, size and proportion of different fibre types studied in whole vastus lateralis muscle from 15- to 83-year old men. **Journal of the Neurological Sciences**, New Orleans, v. 84, p. 275- 294, Apr 1988.

MALTA, D. C.; MORAIS NETO, O. L.; SILVA JUNIOR, J. B. Apresentação do plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil, 2011 a 2022 – **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 20, n.4, p. 425-438, Out/Dez 2011.

MATSUDO, S.; ARAUJO, T.; MATSUDO, V.; ANDRADE, D.; ANDRADE, E.;

OLIVEIRA, L.; BRAGGION, G. Questionário Internacional de atividade física (IPAQ). Centro de estudos do laboratório de aptidão física de São Caetano do Sul- **Celafiscs & Programa Agita São Paulo**, São Caetano do Sul, v. 6, n. 2, 2001.

PETROSKI, E. L. **Antropometria**. Porto Alegre: Pallotti, 2009.

ROGATTO, G.P.; GOBBI, S. Efeitos da atividade física regular sobre parâmetros antropométricos e funcionais de mulheres jovens e idosas. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 63-69, 2001

RICE, C.L.; CUNNINGHAM, D.A.; PATERSON, D.H.; DICKINSON, J.R. Strength

training alters contractile properties of the triceps brachii in men age 65-78 years. **European journal of applied physiology and occupational physiology**, New York, 3, v. 66, p.275-280, Mar 1993.

SPIRDUSO, W. W. **Dimensões Físicas do Envelhecimento**. I. ed., São Paulo: Manole, 2005 WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global health risks: mortality and burden of disease attributable to selected major risks**, Geneva: World Health Organization, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global estimate of the burden of disease from second-hand smoke**, Geneva: World Health Organization, 2010.

ASSOCIAÇÃO ENTRE DESENVOLVIMENTO MOTOR E ESTADO NUTRICIONAL DE CRIANÇAS EM FASE DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Camilla Melo de Jesus¹. Lídia Acyole de Oliveira².

1- Mestranda – UnB – camillamelog1@live.com.

2- Doutoranda – UEG.

Palavras-chave: Desenvolvimento motor; Crianças; Estado nutricional.

Introdução

Os primeiros anos de vida da criança são caracterizados por diversas mudanças no crescimento e desenvolvimento, e a literatura tem mostrado um paralelo constante entre estes dois fatores (ARAÚJO, 2009). De acordo com Rosa Neto (2002), o desenvolvimento motor é um fenômeno que ocorre de forma sequencial, apresentando relação com a idade cronológica, aparecendo com maior ênfase na infância em especial nas primeiras fases da escolarização. Este processo garante um grande ganho de habilidades motoras, sendo importante ser estudada pela relação que ocorre entre o desenvolvimento motor dos indivíduos e o desenvolvimento cognitivo (ROSA NETO, 2002). Sendo assim o objetivo desse estudo foi analisar a associação entre desenvolvimento motor e estado nutricional de crianças em fase de Educação Infantil, identificando e classificando o estado nutricional dos alunos.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, analítico de abordagem quantitativa. A coleta de dados aconteceu no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), viver a Infância, entre crianças de 4 e 5 anos que participaram do projeto de extensão “Ginástica para crianças no CMEI”, vinculado a Universidade Estadual de Goiás. Para a avaliação das habilidades motoras, foi utilizada a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) (2002) Essa escala é um instrumento validado e indicado para crianças com dificuldades na aprendizagem escolar; atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor; problemas na fala, na escrita e em cálculo; problemas de conduta (hiperatividade, ansiedade, falta de motivação, entre outros); alterações neurológicas, mentais, sensoriais e outros.

O teste compreende um conjunto de provas muito diversificadas e de dificuldades graduadas para cada desenvolvimento motor, denominados de motricidade fina (IM1) motricidade global (IM2), equilíbrio (IM3), esquema corporal (IM4), organização espacial (IM5) e organização temporal (IM6). Os resultados obtidos permitiram que se definisse o Quociente Motor e a Idade Motora (ROSA NETO, 2002). A EDM compreende tarefas específicas para cada faixa etária (2 a 11 anos) em cada elemento da motricidade. A complexidade da tarefa a ser realizada aumenta de acordo com o aumento da idade. Os participantes foram avaliados a partir do teste correspondente à sua idade cronológica em cada elemento da motricidade, e terminavam a avaliação quando não desempenhavam corretamente a tarefa proposta. A idade correspondente à última tarefa desempenhada corretamente pela criança caracteriza-se por

ANAIS DE EVENTO

idade motora (IM). Comparando-se a idade cronológica (IC) e a motora pode-se determinar o avanço ou atraso motor da criança.

A avaliação antropométrica das crianças foi realizada utilizando-se as medidas de massa corporal (kg), estatura (m), índice de massa corporal – IMC (kg/m²). O peso corporal (P) foi medido em uma balança antropométrica digital (Toledo) com capacidade máxima de 150 kg, com precisão de 0,1 kg e a estatura (EST) foi obtida por meio de uma fita de fibra inextensível, com precisão de 0,1 cm, de acordo com os procedimentos descritos por Guedes e Guedes (2006). Após a determinação das medidas de estatura e massa corporal, foi determinado o índice de massa corporal (IMC) obtido através do quociente $\text{Peso}/\text{Estatura}^2$, proposta por Keys (1973). Inicialmente foi solicitada autorização pela direção da instituição em questão para a aplicação dos testes. As crianças foram encaminhadas para um ambiente separado onde foi feita a avaliação do perfil motor e das medidas antropométricas de peso e estatura. Os dados foram tabulados e analisados com auxílio do pacote SPSS versão 22.0. Inicialmente foram agrupados em média e desvio padrão. Antes das análises comparativas, foram aplicados os testes de normalidade Kolmogorov Smirnov, e mediante isso, foi utilizada estatística paramétrica teste T de student. Além disso foram adotadas tabelas de frequência relativa e absoluta para as diversas classificações, e o teste qui quadrado foi utilizado para verificar associação entre as variáveis qualitativas. O valor de significância fixado foi de 5%.

Resultados

Participaram do estudo 81 crianças, com idade de 4 e 5 anos, participantes de um projeto de ginástica, matriculadas no CMEI Viver a infância, em Goiânia.

Tabela 1. Análise da Idade Motora Geral e Quociente motor a partir da classificação do Estado Nutricional de 81 crianças avaliadas em Goiânia, 2016.

	n	Media	Desvio Padrão	p
Idade Motora Geral				
Baixo peso	5	56,80	14,6	0,58
Eutrófico	53	58,36	14,3	
Sobrepeso e Obesidade	22	61,73	12,1	
Quociente motor				
Baixo peso	5	101,20	11,1	0,87
Eutrófico	53	98,04	13,0	
Sobrepeso e Obesidade	22	98,73	15,1	

Quando comparada a média da IMG e QMG entres os grupos de baixo peso, eutrófico e sobrepeso ou obesidade, não foi encontrada diferenças significativas. Entretanto, a literatura tem

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

mostrado essa associação constantemente em alguns estudos que a obesidade e o sobrepeso têm influência no desempenho motor de crianças. No estudo de Biscegli (2007) foi avaliado o estado nutricional e o desenvolvimento neuropsicomotor em 113 crianças frequentadoras de uma creche. A avaliação nutricional foi feita por antropometria e analisada pela classificação de Waterlow e a avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor pelo Teste de Denver II, em todas as crianças incluídas no estudo.

Sendo assim o estudo de Biscegli evidenciou uma alta a prevalência de distúrbios nutricionais e atrasos no desenvolvimento observados em crianças, apontando a necessidade de introduzir dietas balanceadas, incentivando o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis, além de alertar para a questão da interferência negativa dos fatores socioeconômicos e culturais no crescimento e desenvolvimento infantil (BISCEGLI, 2007).

No estudo de Berleze (2007), foi realizada uma análise de desempenho motor no processo de execução do movimento comprando crianças obesas de eutroficas. E os resultados sugeriram que as crianças obesas estão em clara desvantagem na qualidade da execução do movimento.

Conclusão

A partir dessa análise percebe-se que não houve nessa amostra uma diferença entre desenvolvimento motor e estado nutricional de crianças em fase de Educação Infantil, identificou-se que o estado nutricional das crianças atendidas no CMEI, mostra um dado relevante, quanto ao DM a maioria das crianças apresentaram índices de desenvolvimento motor normal médio e um dado veio reforçando a preocupação com a obesidade infantil que vem aumentando em idades como dos pré-escolares.

Apesar de diversos estudos apontarem uma associação direta entre o desenvolvimento motor e o estado nutricional, a amostra do presente estudo não obteve esse tipo de influência. Entretanto um fator relevante é que apesar de um bom DM, 27% das crianças apresentaram estado de sobrepeso e obesidade.

Esse estudo foi de grande relevância levando em conta que o tratamento da obesidade infantil necessita de uma atuação de uma equipe multiprofissional, de professores de Educação Física, nutricionistas e psicólogos, contando com uma dieta balanceada que acompanhe a manutenção do peso adequado e crescimento, exercício físico e auxílio da família para maiores resultados. Nesse momento a escola tem papel fundamental de repassar hábitos e comportamentos sobre a vida, como uma boa alimentação e prática de exercícios físicos, além de propor novos projetos de atividades que desenvolvam as habilidades motoras e que proporcionem as crianças envolvimento com essas práticas. A partir desta pesquisa houve uma atenção maior para este grupo dando espaço também há um projeto de extensão Ginástica no CMEI.

Referências

ANAIS DE EVENTO

ARAUJO, A. G. S. **Avaliação do estado nutricional e desenvolvimento motor em crianças de 03 a 24 meses.** FLORIANOPÓLIS-SC, 2009.

BERLEZE, L. S. et al. Desempenho motor de crianças obesas: uma investigação do processo e produto de habilidades motoras fundamentais. Artigo original Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano ISSN 1415-8426 **Rev. Bras.Cineantropom. Desempenho Hum.** 2007.

BISCEGLI, T. S. Et al. Avaliação do estado nutricional e do desenvolvimento neuropsicomotor em crianças freqüentadoras de creche. **Rev Paul Pediatr** 2007;25(4):337-42.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (1996)**. lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário oficial da união, Brasília, df, 24 dez. 1996.

GUEDES, D.P.;GUEDES,J.E.R.P. **Crescimento, Composição Corporal e Desempenho Motor de CRIANÇAS E ADOLESCENTES.** SÃO PAULO: CLR BALIEIRO; 1997.

ROSA NETO, F; SANTOS, Et al. Desenvolvimento Motor em Escolares com Dificuldades na Aprendizagem. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 11, n. 16, jan./abr. 2010.

ROSA NETO F. **Manual de Avaliação Motora.** Porto Alegre: Artes Médicas; 2002.

POR QUAL OU POR QUAIS MOTIVOS OS PAIS MATRICULAM SEUS BEBÊS (06 MESES A 02 ANOS) NAS AULAS DE NATAÇÃO?

Yara Ferreira de Oliveira¹, Ademar Azevedo Soares Junior².

1- Licenciada em Educação Física – UEG/ESEFFEGO – yaraferreira0410@hotmail.com.

1- Docente no curso de Licenciatura em Educação Física – UEG/ESEFFEGO.

Palavras-Chave: Natação; Bebês; Motivação; Desenvolvimento.

Introdução

Ao procurar as aulas de natação para o seu bebê, os pais são impulsionados por algum motivo que provocou essa ação.

Este estudo procura descobrir quais são esses motivos, respondendo a seguinte questão: Por qual ou por quais motivos os pais matriculam seus Bebês em aulas de natação?

A Natação para Bebês compreende as atividades de estimulação aquática na primeira infância (na pesquisa será com bebês de 06 meses a 02 anos) que é caracterizada por um ritmo de desenvolvimento muito acelerado (FIQUEIREDO, 2011). A Natação/Estimulação aquática é um exercício que contribui muito para o desenvolvimento global da criança, em seus aspectos físicos, motores, cognitivos, afetivos e sociais do bebê.

Na atualidade já existem vários estudos que comprovam tais benefícios. Os pais ao colocarem seus filhos nas aulas de natação geralmente imaginam que o seu filho irá aprender a nadar os 4 nados da natação, e que assim eles terão acima de tudo segurança com seus filhos dentro ou próximos da água. O que eles não sabem é que as vantagens são inúmeras. Estas vantagens são vistas principalmente nos seus primeiros anos de vida, porque nesta fase passa por um processo intenso de desenvolvimento e maturação.

É cada vez maior a procura das aulas de natação para bebê, mas afinal: Por que os pais matriculam seus Bebês nas aulas de natação? Para buscar compreender tal questão, precisamos entender o que é motivação, o que gera uma pessoa a realizar tal coisa. Segundo Samulski (1995), citado por Samulski (2002), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

Para tanto podemos destacar dois tipos de comportamentos e/ou motivações: Comportamento Internamente Motivado: são aqueles em que a pessoa dirige-se à atividade voluntariamente, empenhando em sentir-se competente e auto-determinada. Exemplo: o atleta que compete pelo prazer de superar seus próprios recordes e limites. Comportamento Externamente Motivado: são aqueles comportamentos em que a pessoa é levada à ação por uma recompensa externa. Exemplo: a criança ou adolescente que pratica alguma modalidade esportiva por imposição de seus pais, para realizar o sonho dos mesmos.

Os motivos intrínsecos são resultantes da própria vontade do indivíduo, enquanto os extrínsecos dependem de fatores externos. Todas as teorias que procuram explicar o processo de

motivação partem do princípio de que existe uma necessidade (motivo) que desencadeia uma ação, dando-lhe direção para alcançar um objetivo. Sendo assim, o motivo pode ser considerado um constructo criado para explicar a origem dos comportamentos dirigidos para algum objetivo (WINTERSTEIN, 1992).

Natação para Bebês: estimulação pra vida toda

A natação para bebês revela-se como um espaço privilegiado de suma importância para o desenvolvimento infantil, pois além de desenvolver aspectos de sobrevivência aquática necessários, é um meio rico e único para que o bebê experimente novas sensações, novos comportamentos motores e estimule os diversos sentidos, integrando assim, todos os aspectos físicos, cognitivos e sócio-afetivos deste.

A natação para bebês trata-se de uma atividade que pode ser realizada com apenas alguns meses de vida, possibilitando amplas e diversificadas condições de estímulos através do movimento. É perceptível que essas aulas estão voltadas a proporcionarem acima de tudo uma exploração do meio líquido, gerando uma adaptação ao mesmo. As aulas de natação para bebês podem proporcionar vários benefícios nessa fase do desenvolvimento humano, auxiliando os bebês a alcançarem seu melhor potencial de desenvolvimento, além de proporcionar um grande avanço em seu desenvolvimento neurológico. (WHITEHEAD, 2013)

Devido há esses inúmeros benefícios que a natação para bebês apresenta, e cada vez maior a procura por essas aulas nas academias, porém buscamos analisar a seguinte questão: por qual ou por quais motivos os Pais matriculam seus Bebês nas aulas de natação?

Metodologia

A pesquisa foi realizada com os Pais dos Bebês (06 meses a 2 anos) que faziam aulas de natação em academias na cidade de Goiânia. O questionário continha apenas uma questão aberta, questão essa que norteia todo o artigo.

Questionário da pesquisa:

Goiânia, _____ de _____ de 2017
Nome da mãe: _____
Nome do bebê: _____
Data de nascimento do bebê: ____/____/____.
<p>➤ Por qual ou por quais motivos você matriculou o seu bebê nas aulas de natação infantil? Justifique.</p>

A pesquisa foi realizada entre os meses de julho e Setembro de 2017 em 03 academias que tinham aulas de natação para esse público na cidade de Goiânia. Ao todo foram respondidos 20

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

questionários. As respostas a questão norteadora da pesquisa variam muito e algumas até se assemelham. Uma das respostas é a seguinte:

Como mãe sempre temos alguns medos e dúvidas, percebia que o Miguel chorava durante o banho, parecendo que tinha medo de água. Então resolvi fazer uma pesquisa sobre natação infantil e depois de todos os benefícios que proporciona tais como: desenvolvimento neuromotor; fortalecimento da musculatura; melhora da capacidade cardiorrespiratória; estimula o sono mais tranquilo e reforça o apetite. Com tantos benefícios escolhemos colocar ele na natação, e realmente já vejo melhora no desenvolvimento do Miguel, percebi também que ele já não tem medo da água, eu já sinto mais segura na hora do banho dele. (Mãe do Bebê Miguel).

Essa é uma resposta ideal para a pergunta central da pesquisa, a Mãe soube dos benefícios que a aula de natação proporciona ao seu Bebê e por isso resolveu matricular ele nas aulas de natação. É como motivação principal, ela percebeu melhoras no comportamento do seu Bebê.

Outra resposta obtida com a pesquisa foi:

"Porque ele gosta muito de piscina, água e banho. É para ele aprender a nadar para que eu possa ficar menos preocupada com ele na piscina em casa." (Mãe do Bebê Enzo).

A questão "segurança" foi encontrada em várias respostas, Pais que buscam de certa forma essa segurança dos seus filhos contra acidentes/afogamentos nas aulas de natação. Porém as aulas de natação para Bebês, não visam obrigatoriamente esse objetivo. Cabe aos professores esclarecer quais serão os benefícios na realização da aula, qual é o objetivo da aula.

[...] a natação infantil é muito mais do que uma atividade em que a criança vai para não se afogar. Encaramos essa atividade como potencializadora do desenvolvimento da criança e, o quanto antes puder usufruir dos seus benefícios da atividade na água, com profissionais preparados, em ambientes adequados, ela só se beneficiará, e por consequência a família, visto ser esta uma atividade que une pais e filhos e reforça seus laços afetivos (Figueiredo, p.45. 2017).

A motivação que leva os Pais a matricularem seus Bebês em aulas de natação encontradas na pesquisa aponta que alguns Pais realmente procuram saber sobre o que é exatamente essa aula de natação para Bebês, é quais serão os benefícios para os seus filhos.

Conclusão

O movimento é essencial para a aprendizagem. A criança não consegue aprender sem estímulo motor. "O movimento e experiência a ajudam a coletar informações. A informação sensorial vem do ambiente pela pele, pelo nariz, pelos olhos, pelas orelhas, pelas papilas gustativas e pelos receptores nervosos." (WHITEHEAD, p.7. 2013)

A água é um meio muito rico em sensações e percepções, que gera essas informações e experiências para as crianças, para os bebês. Os benefícios que a natação para Bebês oferece são vários: físicos; orgânicos; terapêuticos e recreativos. melhora a adaptação na água, aprimorando a coordenação motora; noções de espaço e tempo, aumenta a vivência e suas

ANAIS DE EVENTO

habilidades no quesito psicomotricidade – isso melhora o seu desenvolvimento como um todo; e traz um aumento na capacidade cardiorrespiratória e muscular. (FIQUEIREDO, 2011)

Com tantos benefícios a procura pelas aulas de natação para Bebês (06 meses a 02 anos) vem aumentando cada vez mais. É a motivação pela qual os pais matriculam seus Bebês nas aulas e um item importante, visando perceber se os Pais conhecem esses benefícios ou se a procura visa apenas o fator segurança de seus filhos diante a prevenção de acidentes e afogamentos.

As crianças (no caso da pesquisa – os Bebês) não tem “maturidade” para sair de uma situação de risco. Porém cabe aos professores qualificados esclarecerem essa questão para os pais e também trabalhar em suas aulas essa questão da segurança, já que esse é um ponto fundamental que leva a procura dos Pais para as aulas de natação para Bebês.

Trabalhar a segurança aquática visando a prevenção de acidentes e afogamentos, conscientizar os pais que mesmo que os seus Bebês estejam fazendo aulas de natação, eles não são à prova de afogamentos, devem sempre ser supervisionados quando estiverem próximos ou dentro da água.

Referências

Bebês e crianças: reflexões da Academia Brasileira de Profissionais de Natação Infantil/{coord: Paulo André de Figueiredo}. -Uberlândia:Z3, 2017. 308 p.:il.

BRESGES, L. **Natação para meu neném**. Rio de Janeiro. ed. Ao livro técnico s/a.

DAMASCENO, LG. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento**. Campinas. Autores Associados, 1997. 141p. 980.

FONTANELLI, M. S & J. A. **Natação para bebês - entre ao prazer e a técnica**. São Paulo: Ground, 1986.

FRAGA, A. Atividades aquáticas para bebês: um mergulho em busca de outras realidades. 2011. Monografia (Conclusão de Curso de Educação Física) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FIGUEIREDO, P.A.P. **Natação para Bebês, infantil e iniciação uma estimulação para a vida**. São Paulo; Phorte Editora, 2011.

VELASCO, Cacilda G. **Natação segundo a Psicomotricidade** – Rio de Janeiro – Ed. Sprint- 1994.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**. 1ª edição brasileira. Barueri: SP. Ed. Manole Ltda, 2002.

WINTERSTEIN, P. J. **Motivação, Educação Física e Esporte**. Revista Paulista de Educação Física, 6 (1): 53-61, jan/jun, 1992.

WHITEHEAD, L. **Movimento a chave para a aprendizagem na primeira infância**. São Paulo; Liter Ativa editora, 2013.

OS EFEITOS DO OVERTRAINING NO SISTEMA MÚSCULO ESQUELÉTICO EM ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO

Ana Carolina De Faria Martins¹, Diellen Maryane de Moura², Hyulle David Araujo²,

Tálima Luane Rezende Mendanha².

1- Graduanda – UEG- ESEFFEGO – caroolinamrtins@gmail.com.

2- Graduanda – UEG- ESEFFEGO.

Palavras-chaves: Overtraining; Treinamento; Músculo esquelético; Marcadores.

Introdução

O overtraining é um termo em inglês, só que também pode ser conhecido como supertreinamento ou sobretreinamento, em português. É uma síndrome que pode acometer atletas de alto rendimento, tanto homens quanto mulheres. Este distúrbio acontece quando o atleta não tem a devida recuperação após o período de treinamento. Ou seja, a alta intensidade ou a elevada carga do treino sem o descanso necessário afeta a sua performance, levando o indivíduo ao overtraining (ARAÚJO, 2008).

Acredita-se que a gênese da síndrome de overtraining esteja diretamente relacionada com uma estratégia de treinamento largamente utilizada pela maioria dos treinadores, denominada “teoria da supercompensação”, que se fundamenta no princípio da sobrecarga progressiva. Essa teoria afirma que as reservas energéticas gastas durante o processo de contração muscular são refeitas ou repostas apenas no período de recuperação, ou seja, de descanso (ROGERO, MENDES, TIRAPEGUI, 2005, p. 360).

Ao tratarmos do supertreinamento, não há um lineamento que descreva os sintomas, porque eles podem variar, e não são significativamente os mesmos para todos, pois variam de sujeito para sujeito. Por isso serão apresentados alguns marcadores que auxiliam na observação de se realmente o atleta está com essa síndrome. Alguns são marcadores hormonais, bioquímicos, imunes e psicológicos, que podem dar informações relevantes para um diagnóstico preciso e confiável para o sobretreinamento (CUNHA, RIBEIRO, OLIVEIRA, 2006).

As pesquisadoras utilizaram o método de pesquisa por revisão bibliográfica através da leitura de artigos já publicados que tratam desse assunto tendo relação com o treino e o sistema muscular esquelético.

A questão é: qual a importância da atuação do profissional de Educação Física juntamente com seu aluno/atleta para detectar o overtraining? O principal foco dessa pesquisa é explicitar o que é o overtraining e seus possíveis marcadores, como um ponto importante para o profissional de Educação Física.

Metodologia

Este trabalho trata de uma referência bibliográfica e para a sua composição foram pesquisados artigos nas bases: SciELO, Researchgate, Periódicos Ulbra e revistas online de reconhecimento nacional, bem como livros, com data do período de 1997 até o ano atual; utilizando as seguintes palavras-chaves "overtraining", "marcadores", "treinamento", e "músculo esquelético". Foram lidos 13 artigos de um total de 25 artigos, sendo selecionados por falarem especificamente do tema.

Analisaram-se autores como Araujo e seus colaboradores, Rogero, Mendes e Tirapegui, Silva, Santhiago e Gobatto, Cunha, Ribeiro e Oliveira, entre outros que falam de overtraining, seus possíveis marcadores, os danos em atletas de alto rendimento, a relação intensidade e carga de treino. Por isso houve um delineamento menor entre os artigos escolhidos em relação aos lidos, pois precisavam tratar designadamente sobre estes determinados assuntos.

Alguns títulos dos artigos tratavam de: Respostas fisiológicas para detectar o overtraining; Aspectos Neuroendócrinos e Nutricionais em Atletas Com Overtraining; Sobretreinamento: teorias, diagnóstico e marcadores; Compreendendo o overtraining no desporto: da definição ao tratamento.

Fundamentação teórica

O overtraining - no português sobretreinamento - é uma desordem que afeta muitos atletas. Pode ser caracterizado pela sobrecarga profissional ou particular (FUNDAÇÃO VALE, 2013). Redução de desempenho após treino excessivo sem recuperação adequada, alterando parâmetros bioquímicos que incluem a diminuição crônica da concentração plasmática da glutamina (GARCIA-JUNIOR; MORATTI, 1998). Levando à limitação do desempenho, fadiga crônica, desequilíbrios na homeostasia, alterações emocionais, comportamentais e físicas.

O overtraining pode ser classificado em duas categorias: a simpática e a parassimpática. A categoria simpática caracteriza-se pelo aumento do sistema nervoso simpático em repouso; a recuperação após o exercício é insuficiente e ocorre de forma retardada. É mais comum em atletas de esportes coletivos e individuais de velocidade, embora esse tipo também possa ocorrer em atletas de longas distâncias (TOMAZINI et al., 2014). Pode ser influenciada pelo estado emocional do atleta, dependendo de fatores estressores da modalidade e fatores extra treinamento (SILVA; SANTHIAGO; GOBATTO, 2006). A categoria parassimpática caracteriza-se por uma predominância de funções inibitórias e fraqueza corporal, caracterizado pela predominância dos tônus vagais ou por insuficiência adrenal. O overtraining parassimpático também pode ser uma progressão do overtraining simpático (TOMAZINI et al., 2014)

O overreaching, é um estado transitório de baixo desempenho, considerado uma consequência do processo de treinamento ideal para alcançar bons desempenhos (TOMAZINI et al, 2014). Este ocorre após o acúmulo do estresse de treinamento intenso e está associado à fadiga muscular ou periférica, podendo ser definido como uma fase pré-overtraining. A recuperação se

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

dá pelo afastamento temporário do treino (uma semana), ou ainda com a diminuição de carga e intensidade. O overreaching pode ainda ser entendido como parte do processo da super compensação do organismo (FREITAS; MIRANDA; BARA-FILHO, 2009).

A principal diferença entre overtraining e overreaching é o tempo de tratamento para recuperação. Em casos mais avançados, pode evoluir para a síndrome de burnout, na qual ocorre um esgotamento psicofisiológico do atleta sentindo-se este completamente desmotivado com o esporte (FREITAS; MIRANDA; BARA-FILHO, 2009). Muitas vezes não vê realização pessoal naquilo que fazia e abandona o esporte, se isola podendo até entrar em quadros de depressão.

Os marcadores bioquímicos são glutamina plasmática, a atividade da creatina quinase, ureia e o lactato sanguíneo e os hormonais são razão testosterona/cortisol. Tais marcadores revelam situações que podem prejudicar o desempenho físico em longo prazo. Um simples marcador pode ser utilizado com uma melhor estratégia, identificando os riscos de adquirir o overtraining, monitorando regularmente as variáveis bioquímicas, psicológicas, imunológicas e fisiológicas (CUNHA; RIBEIRO; OLIVEIRA, 2006).

Resultados

Infelizmente, em diversos casos, os atletas submetidos a essa sobrecarga de treinamento não se recuperam da maneira planejada e passam a apresentar os sintomas da síndrome de overtraining, tais como fadiga generalizada, depressão, apatia, dores musculares e articulares, infecções do trato respiratório superior e diminuição de apetite, dentre outros (ROGERO; MENDES; TIRAPEGUI, 2005).

A síndrome de overtraining tem sido associada à diminuição da performance, fadiga persistente, distúrbios do sono, alteração do estado de humor e da frequência cardíaca e depleção dos estoques de glicogênio muscular. Esses sintomas assemelham-se, em grande parte, àqueles causados por alterações da concentração de serotonina no Sistema Nervoso Central (SNC), uma vez que a modulação da serotonina se relaciona diretamente com a regulação da dor, comportamento alimentar, humor, fadiga e sono (ROGERO; MENDES; TIRAPEGUI, 2005).

O excesso de treinamento pode diminuir os ganhos de força muscular. Pode também ser definido como um distúrbio neuroendócrino, que ocorre no eixo hipotálamo-hipófise, onde o resultado do desequilíbrio entre a demanda do exercício e a capacidade de resposta do organismo (SILVA; SANTHIAGO; GOBATTO, 2006). Para recuperação, é necessário reduzir o volume de treinamento ou repouso completo; dependendo da gravidade pode demorar semanas ou meses.

Conclusão

Perante o que foi exposto, o treinamento, quando praticado em excesso, sem um tempo de recuperação adequado, pode ser prejudicial ao indivíduo, ocasionando a síndrome de overtraining. Até então, não existe um marcador específico que possa prever, mas há os marcadores hormonais, bioquímicos, fisiológicos, psicológicos e imunológicos que podem ajudar no

ANAIS DE EVENTO

diagnóstico do problema. Explicitar sobre o overtraining e seus possíveis marcadores em atletas de alto rendimento foi o que este texto tentou esclarecer para a melhor compreensão sobre o assunto, num contexto de linguagem mais abrangente e de fácil compreensão.

Por isso o profissional de Educação Física tem grande importância neste processo diagnóstico, pois através da observação e acompanhamento do atleta, ele poderá perceber alguns comportamentos que são associados a esta síndrome. Deste modo, poderá mostrar ao seu esportista o porquê do aparecimento de alguns sintomas, e que estes podem ser o motivo do decaimento da sua performance. Assim, o profissional de Educação Física instruirá para que ele, o atleta, trate deste sobretreinamento, com o devido descanso, uma vez que este processo de recuperação pode demorar de semanas a meses, dependendo da gravidade em que se encontra.

Referências

ARAUJO, Gustavo Gomes de et al. Respostas fisiológicas para detectar o overtraining. **Revista da Educação Física/uem**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.278-289, 23 out. 2008. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/mario_hirata/publication/315200107_respostas_fisiologicas_para_detectar_o_overtraining/links/594903d4aca272f02e0f2cdc/respostas-fisiologicas-para-detectar-o-overtraining.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

CARVALHO, Claudia Mathias Marcos De. **Efeitos da imobilização e do exercício físico**. 2001. 74 p. Mestrado na Área de Bioengenharia Interunidades. Faculdade de Medicina. Escola de Engenharia de São Carlos/Instituto de Química de São Carlos, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2001.

CUNHA, Giovani Dos Santos; RIBEIRO, Jerri Luiz; OLIVEIRA, Alvaro Reischak De. Sobretreinamento: teorias, diagnóstico e marcadores. **Revista brasileira de medicina do esporte**, [S.L.], v. 12, n. 5, p. 297-302, set./out. 2006.

FREITAS, Daniel Schimitz; MIRANDA, Renato; BARA FILHO, Maurício. Marcadores psicológico, fisiológico e bioquímico para determinação dos efeitos da carga de treino e do overtraining. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, [s.l.], v. 11, n. 4, p.457-465, 1 jan. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em:<https://www.researchgate.net/profile/Renato_Miranda2/publication/238074953_Marcadores_psicologico_fisiologico_e_bioquimico_para_determinacao_dos_efeitos_da_carga_de_treino_e_do_overtraining/links/54a2c3f20cf257a63604d619.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

GARCIA-JUNIOR, Jair R.; MORATTI, Arnaldo L. Overtraining: aspectos fisiológicos. **Revista Treinamento Desportivo**. v.3, n.3, p.73-87, 1998.

KRAEMER, William J.; FLECK, Steven J.; DESCHENES, Michael R.. Fisiologia do exercício e sistemas corporais: Sistema Muscular Esquelético. In: KRAEMER, William J.; FLECK, Steven J.; DESCHENES, Michael R.. **Fisiologia do exercício: Teoria e prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. Cap. 2. p. 79-113.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

MAUGHAN, Ron; GLEESON, Michael; GREENHAFF, Paul L. Fisiologia e bioquímica do músculo esquelético e do exercício: Músculo esquelético. In: MAUGHAN, Ron; GLEESON, Michael; GREENHAFF, Paul L. **Bioquímica do exercício e treinamento**. São Paulo: Manole, 2000. Cap. 1. Tradução de Elizabeth de Oliveira.

MORAES, Alexandra Carvalho. **A Síndrome de Overtraining e o Burnout nos Instrutores de Fitness**. 2005. 85 f. Monografia (Especialização) - Curso de Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2005.

PIRES, Daniel Alvarez; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira; MACHADO, Afonso Antônio. A síndrome de Burnout no esporte. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 147-153, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n3/07DPA.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2017.

ROGERO, Marcelo Macedo; MENDES, Renata Rebello; TIRAPEGUI, Julio. Aspectos neuroendócrinos e nutricionais em atletas com overtraining. **Arquivos brasileiros de endocrinologia & metabologia**, São paulo, v. 49, n. 3, p. 359-368, jun. 2005.

SILVA, Adelino S. R.; SANTHIAGO, Vanessa; GOBATO, Cláudio A.. Compreendendo o overtraining no desporto: da definição ao tratamento. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 6, n.2, p.229-238, maio 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164505232006000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 set. 2017.

SILVA, Fernando Oliveira Catanho da; MACEDO, Denise Vaz. Exercício físico, processo inflamatório e adaptação: uma visão geral. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, [s.l.], v. 13, n. 4, p.320-328, 4 ago. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/article/view/2859>>. Acesso em: 15 set. 2017.

SIMOLA, Raúno Álvaro De Paula; SAMULSKI, Dietmar Martín; PRADO, Luciano Sales. Overtraining: uma abordagem multidisciplinar. **Revista deiberio americana de psicología del ejercicio y el deporte**, Minas gerais, v. 2, n. 1, p. 61-76, 2007.

SO BIOLOGIA. Tecido muscular esquelético. Disponível em: <<http://www.sobiologia.com.br/conteudos/histologia/epitelio22.php>>. Acesso em: 16 set. 2017.

TOMAZINI, Fabiano et al. Overreaching e síndrome do overtraining: da caracterização ao tratamento. **Acta Brasileira do Movimento Humano**, [s.l.], v. 4, n. 2, p.77-98, abril/junho 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/actabrasileira/article/view/2859>>. Acesso em: 15 set. 2017.

Treinamento esportivo. – Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 58 p. – (Cadernos de referência de esporte; 4).

A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA FORMADOS NA UEG- CAMPUS ESEFFEGO NO MUNDO DO TRABALHO

Wilmont de Moura Martins¹, Paulo Roberto Veloso Ventura², Luizmar Vieira da Silva Júnior³, Júlio César Apolinário Maia⁴, Márcio Ronan Trindade Alves de Oliveira⁴, Paula de Souza Baggio⁴, Paulla Caroline Araújo da Silva⁴, Thaís Ribeiro Montalvão⁴.

- 1- Mestre - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO - wilmontmoura@gmail.com.
- 2- Doutor - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.
- 3- Mestrando em Educação - UFG/Regional Jataí.
- 4- Graduando na Licenciatura em Educação Física - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.

Palavras-chave: Formação Ampliada; Egressos; Mundo do trabalho; Educação Física.

Introdução

A problematização desta investigação científica pode ser recortada a partir do desenvolvimento do projeto pedagógico e curricular do curso de Educação Física da UEG/Campus Goiânia - ESEFFEGO levando em conta sua proposição de licenciatura com formação ampliada. Neste contexto, há alguns indicativos de que esta proposta tem conseguido encaminhar seus egressos para os diversos espaços de intervenção profissional, mas não há dados empíricos. Afinal, a licenciatura em educação física deste Campus consegue formar profissionais com possibilidades consistentes para o enfrentamento da fragmentação materializada no mundo do trabalho?

Este questionamento tem permeado discussões internas e externas por parte de alguns de nossos professores mais preocupados com o campo formativo, mostrando sempre a necessidade de que o projeto curricular pudesse ter um retorno sobre suas proposições, algumas que, com o passar do tempo tornaram-se pressupostos da linguagem desses docentes, apontando sempre para a necessidade de uma investigação sobre este objeto.

Desde o início dos anos 2000, o curso de Educação Física da UEG/Campus ESEFFEGO trabalha com o pressuposto de que a fragmentação da área reduz a formação. Aponta-se que é necessário compreender o trabalho docente e o papel do professor entendendo que a formação ampliada reforça os nexos com o campo educacional. O curso em questão entende que tal perspectiva contribui para a construção de uma formação que valoriza o caráter interdisciplinar da Educação Física, superando um modelo que ressalta a especialidade precoce.

Ao defender a licenciatura com formação ampliada o curso da UEG/Campus ESEFFEGO pensa essa área de conhecimento em todas as suas possibilidades e em todas as suas interfaces com a vida e com a cotidianidade. Entende que os conhecimentos oriundos tanto das ciências biológicas quanto das ciências humanas nos currículos são fundamentais (TAFFAREL; SANTOS JÚNIOR, 2010) para a formação e intervenção do professor, na sua função social. Acredita que a

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

formação de professores de Educação Física tem condições de permitir uma prática articulada com os conhecimentos científicos considerando sua relevância para uma formação crítica, ética e política, nos diversos espaços educativos (VENTURA, 2011).

A licenciatura em Educação Física com formação ampliada é caracterizada como uma proposta que possa se contrapor ao atual modelo, que fragmenta e divide o objeto da formação. Tal proposta, inspirada nos conhecimentos produzidos pela Educação Física, nos debates e na posição defendida pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), foi originariamente desenvolvida pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Esporte e Lazer (LEPEL), em parceria com o Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo amplo apoio do movimento estudantil da Educação Física. Taffarel *et al* (2006, p. 162) acreditam que essa proposta pode construir uma formação consistente e uma concepção de formação humana omnilateral que possibilite ao licenciado agir, atuar e desenvolver a atividade docente em diferentes campos de trabalho, mediado pela Cultura Corporal enquanto seu objeto (TAFFAREL; LACKS; SANTOS JÚNIOR, 2006, p. 165).

Para, além disso, a formação oferecida pela instituição a partir desse currículo, provoca os egressos para a continuidade de sua formação, o que levaria os mesmos a buscar a pós-graduação em programas de especialização, mestrado e doutorado em instituições goianas e de outros Estados do país.

Esse é um dos pontos relevantes da pesquisa com os egressos formados pelos currículos analisados. O trabalho ora apresentado analisa os resultados acerca da formação continuada dos egressos e seus campos de atuação, buscando saber ainda se os currículos responsáveis pela formação realmente conseguiram despertar o interesse na continuidade de sua formação em programas de pós-graduação.

No momento em que a fragmentação da formação está reforçada pela ingerência do sistema CREF/CONFED, a investigação sobre os egressos de uma licenciatura com formação ampliada torna-se relevante na sustentação desta formação. Os resultados apresentados nesse trabalho representam parte das informações contidas na pesquisa, que se encontra em fase de conclusão. Várias outras categorias de análise ainda estão sendo avaliadas e, em breve disporemos o trabalho completo para discussão nos espaços acadêmicos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa que segue orientações do Método Materialista Histórico Dialético, com tipologia compreensiva (por objetivo) e não experimental (por delineamento), abordagem para a análise dos dados quanti-qualitativa, fazendo uso da técnica de análise de conteúdo. Para tanto, foram estudados e analisados os projetos pedagógicos do curso em tela e que envolvem os egressos investigados, além de pesquisas pela internet para busca da formação continuada, aprovação em concursos públicos e outras ocupações laborais. Posteriormente faremos contato com o setor patronal, com os programas de pós-graduação e retornaremos o diálogo com os egressos por meio de entrevistas, para nova coleta de dados.

Diálogo Teoria/Dados Empíricos

Esta investigação busca apreender que movimento a formação ampliada em Educação Física da ESEFFEGO/UEG deu aos seus egressos, a partir do projeto curricular de 1998 e de 2007 com a primeira turma integralizando em 2011/1. Os currículos em análise estabeleceram a inserção de disciplinas que dessem alicerces mais amplos, mais críticos e mais complexos para os/as acadêmicos/as e revitalizou outras, com conteúdo e carga horária, no sentido de propiciar uma formação ampliada que desse ao egresso uma consistência teórica para sua intervenção pedagógica no mundo do trabalho.

A amostra analisada é composta por dados de 140 egressos que responderam o questionário proposto inicialmente para captação de informações fundamentais para o prosseguimento da pesquisa. Neste trabalho estão sendo apresentados os resultados e discussões acerca de duas categorias: formação continuada e campo de atuação do egresso.

A categoria formação continuada está contemplada nos gráficos 01 e 02, que mostram o quantitativo relativo da amostra dos egressos em relação a pós-graduação *stricto sensu*. Do total da amostra, 109 egressos (78%) declararam estar fazendo ou ter concluído um ou mais cursos de pós-graduação. Os cursos de especialização (pós-graduação *lato sensu*) são citados 41 indivíduos (22,9%) do total da amostra com mais de uma desse tipo de formação. Outros 29, declararam ter concluído mestrado, 02 apresentam doutorado completo, 01 com PhD concluído. Outros 04 estão com doutorado em andamento, 01 com mestrado na mesma situação, perfazendo 37 egressos com *stricto sensu* concluído ou em andamento.

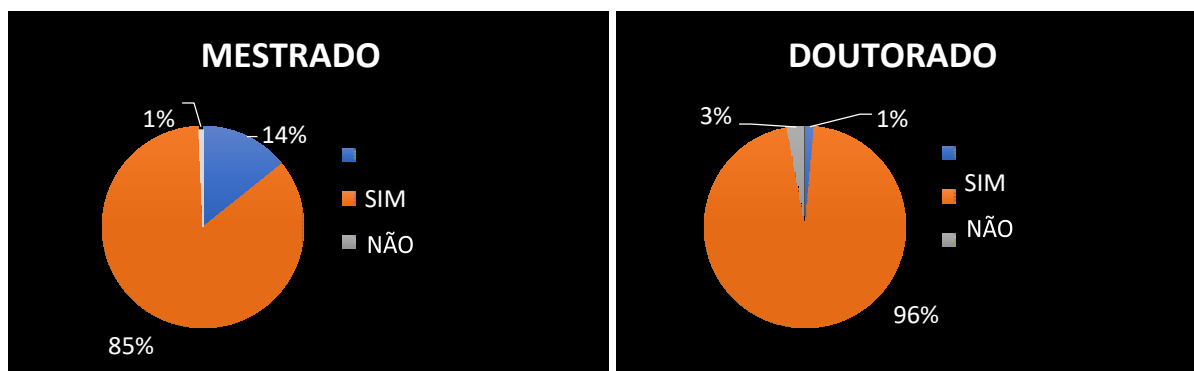


Figura 1 e 2 – Resultados da análise descritiva quanto a formação

Fonte: Os próprios autores (2017).

Os dados indicam que os egressos, em sua maioria, deram prosseguimento à sua formação, o que pode estar associado ao processo de formação dos mesmos, já que uma das prerrogativas do currículo que os formou destacava a importância e a necessidade da formação continuada para acompanhar as mudanças em curso no universo da Educação Física, bem como

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

acrescentar conhecimentos que permitam melhor intervenção nos campos de atuação. Ao mesmo tempo, o índice de egressos com mestrado, doutorado e Pós- doutorado, ainda que pareça baixo na relação com a especialização, na verdade é robusto ao se levar em conta a realidade objetiva, ou seja, o número de vagas em programas desta natureza, a escassez de programas específicos para a Educação Física nesta região, as diversas exigências, desde a financeira como a de disponibilidade temporal, para além de que, a depender do campo de atuação profissional, tais titulações não alteraram a remuneração.

Ao serem analisados os dados sobre os campos de atuação dos egressos percebeu-se que, na amostra estudada, os resultados apontam que 39% dos pesquisados atuam em espaços não escolares, 29% no campo escolar, 15% em ambos os campos e 17% estão exercendo outras atividades fora da área de formação (Gráfico 03). O campo não escolar apresenta percentual superior ao da escola, enquanto um número significativo não atua na área e outro grupo relevante está empregado em ambos os campos. Duas questões podem ser levadas em conta, ainda que sem maiores aproximações com dados empíricos. A 1ª é a falência das políticas públicas para a educação que traz na sua esteira a desvalorização do professor e retira a opção dos jovens de trabalhar no âmbito escolar; a 2ª é que a formação ampliada deste curso tem dado sustentação teórica para que os egressos possam intervir em ambos os campos, seja pela opção de escolherem um deles ou por ocuparem os dois espaços de trabalho.



Figura 3. Campo de atuação dos egressos

Fonte: Os próprios autores (2017).

Ao serem questionados se trabalham no setor público, privado, em ambos ou como autônomos, encontramos os dados colocados nos gráficos 04 e 05. Os dados são significativos ao apontarem que o professor de Educação Física, trabalhe na escola ou nos campos não escolares precisa de vender sua força de trabalho para mais de um setor patronal. Pode-se ver que os que atuam nos campos não escolares chegam a ter 3 trabalhos e um grupo muito grande labora em 2 espaços. Entre os que trabalham na escola o percentual de segundo emprego é bem menor.

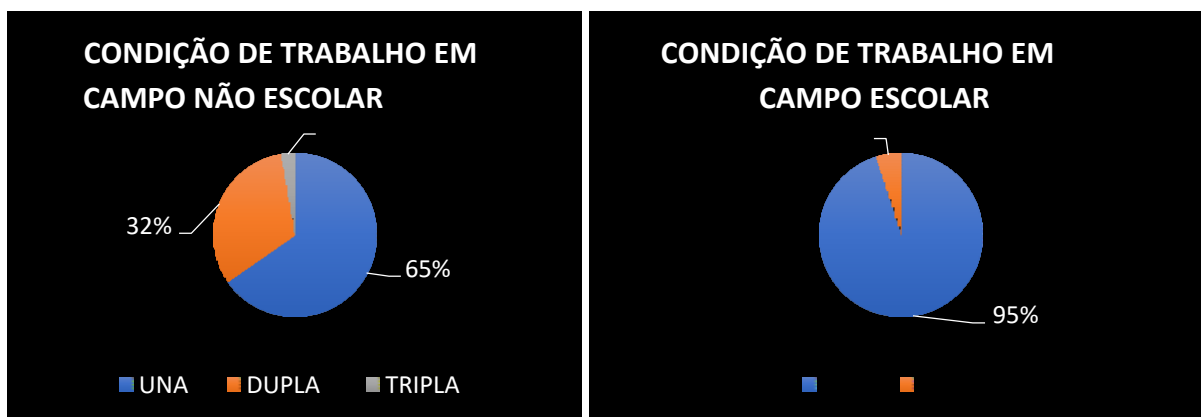


Figura 4 e 5. Condições de trabalho em campo não escolar e escolar

Fonte: Os próprios autores (2017).

Os dados da pesquisa ainda apontam que os egressos que atuam no campo escolar estão vinculados em ampla maioria ao setor público (83%), nas redes estadual e municipais de educação, enquanto os que atuam no campo não escolar estão em sua maioria atuando no setor privado (41%) e como autônomos (32%). A interface dos dados mostra aspectos interessantes da atuação do professor/profissional de educação física no campo não escolar; uma delas é a pequena penetração desse profissional no setor público para atuar na saúde pública, nos espaços de lazer e com as atividades esportivas.

Considerações finais

A pesquisa com os egressos do curso de Licenciatura em Educação Física da UEG/Campus ESEFFEGO formados pelas matrizes curriculares de 1998 e 2007, as quais se alicerçaram na formação ampliada, ainda está em andamento, e a próxima etapa nos levará aos campos de atuação em busca de novos dados empíricos que complementarão os que já temos coletados. As premissas iniciais postas no projeto de pesquisa vêm se confirmando a partir do que se explicita, que a maioria dos egressos deram continuidade à sua formação nos programas de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* das IES goianas e de outros Estados, bem como na atuação diversificada do professor/profissional de Educação Física.

Referências

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. Formação humana e formação de professores de Educação Física: para além da falsa dicotomia licenciatura x bacharelado. In: TERRA, Dinah Vasconcelos; SOUZA JÚNIOR, Marcílio (Orgs.). **Formação em Educação Física e ciências do esporte:** política e cotidiano. São Paulo: Hucitec, 2010.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; LACKS, Solange; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira. Formação de

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

professores de Educação Física: estratégia e táticas. **Motrivência**, Santa Catarina, v.18, p. 89-112. 2006.

VENTURA. Paulo Roberto Veloso. Universidade: espaço privilegiado para a formação de professores de Educação Física. **Linhas Críticas**. v.17, n.32, Brasília, p.77-96, jan./abr. 2011.

A PRODUÇÃO DE MONOGRAFIAS NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MARCO TEÓRICO DO MOVIMENTO CURRICULAR

Paulo Roberto Veloso Ventura¹, Rodrigo Roncato Marques Annes², Wilmont de Moura Martins³, Luizmar Vieira da Silva Júnior⁴, Paula de Souza Baggio⁵, Márcio Ronan Trindade Alves de Oliveira⁶.

- 1- Doutor - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO - paulo.pinta@gmail.com.
- 2- Doutorando - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.
- 3- Mestre - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.
- 4- Mestrando em Educação - UFG/Regional Jataí.
- 5- Graduanda na Licenciatura em Educação Física - UEG/Campus Goiânia ESEFFEGO.

Palavras-chave: Formação Ampliada; Monografia; Marco Teórico; Currículo.

Introdução

Este trabalho investiga a relação entre dois currículos de educação física em uma IES pública, em que se busca um possível movimento na formação profissional. Para, tanto, a investigação se debruçou sobre os trabalhos de conclusão de curso, analisando se as alterações no projeto de formação aprovadas na revisão curricular alcançaram os objetivos propostos. Um dos currículos entrou em ação no primeiro semestre de 1999 e o segundo, em 2007, segundo semestre².

Entre as alterações materializadas no currículo houve um aumento na carga horária da disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação Física, foram inseridas Metodologia do Trabalho Acadêmico e uma disciplina nominada de Prática Curricular, que tratava da elaboração do projeto de pesquisa para o TCC, o qual passou a ter 2 semestres para sua elaboração, com um processo de qualificação ao final do 1º semestre. Não só isso, mas a passagem de uma formação generalista para a formação ampliada, com o conseqüente aumento da carga horária do curso. Foi reforçada pelo acatamento de horas de aula no lugar de horas-aula que marcaram as alterações no eixo da produção do conhecimento, sustentado pelo marco de parâmetros teórico metodológicos mais claros e consistentes epistemologicamente.

Essas alterações surgem como conseqüência de discussões nas reuniões de colegiado e, em bancas de TCCs em que se cobrava melhor qualidade deste trabalho acadêmico compulsório. O debate central estava no trato com o método e com os procedimentos de investigação que no currículo de 1999 não tinham um marco teórico definido e sustentado.

Para estruturar teoricamente esta investigação foi feita uma revisão bibliográfica sobre formação profissional em educação física, currículo, políticas públicas educacionais; analisados os 2 PPCs (citados) do Curso e os TCCs das 6 últimas turmas do Currículo de 1999 e das 6 primeiras do currículo de 2007. A abordagem foi "quanti-qualitativa" e a técnica para análise dos dados foi a "análise de conteúdo".

²As turmas pesquisadas defenderam seus TCCs respectivamente nos anos de 2009-2; 2010-1; 2010-2 (currículo de 1999) e 2011-1; 2011-2 e 2012-1 (currículo de 2007), esclarecendo-se que são 2 turmas por semestre porque a oferta se dava no matutino e no vespertino.

Diálogo com a literatura e os dados empíricos

O contexto histórico da formação profissional em educação física não é diferente da própria História, feita de relações coletivas em que o presente ilumina o que se deva buscar no passado. A formação profissional hoje é a mais desenvolvida de todos os demais tempos históricos, mas para entendê-la como é, torna-se necessário entender como ela tem sido. E, ela tem se sustentado por uma “aparência”, fruto do objeto que se nos apresenta.

Por conta disso, um método com marco crítico-dialético possibilita articular as partes constitutivas de particularidades históricas com a totalidade do objeto que se deseja intervir para conhecer. Gamboa (2013, p. 75) aponta que,

O enfoque crítico dialético trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades. Para este enfoque, o homem conhece para transformar e o conhecimento tem sentido quando revela as alienações, as opressões e as misérias da atual fase de desenvolvimento da humanidade.

Mergulhamos nos PPCs do curso para desvelar o processo histórico construído ao longo de meio século na formação em educação física desta instituição. Percebe-se pelos PPCs e por TCCs elaborados por acadêmicos que investigam a formação nesta IES, um movimento de transformação, ainda que ao longo do tempo a centralidade se deu para uma formação generalista, condição fundante para chegar à formação ampliada. E por que não uma proposta diferente para a formação profissional? Taffarel e Santos Lira (2010, p. 28) asseveram que,

[...] não podemos tomar a aparência pela essência. Não é a perspectiva da licenciatura que está em crise. A ideia de formar professores em cursos de nível superior, articulando ensino-pesquisa-extensão é avançada. O que entrou em crise foi o projeto de formação como um todo e isso rebate na Educação Física.

Algumas monografias do curso que trataram deste objeto explicitam o caminho percorrido, mesmo diante de dificuldades flagrantes materializadas por um sistema político que ideologiza o contexto da formação de professores, incluindo a Educação Física. Seus autores e autoras mostram que, apesar da hegemonia ainda vigorar nos diversos cenários da formação profissional em educação física, é possível trabalhar na contra-hegemonia, possibilitar leitura crítica de mundo, de vida e deste campo do conhecimento. Ventura (2010, p. 145) apresenta o polo dominante:

A formação crítica, com base educativa que busque subsidiar uma prática pedagógica consistente, ocorre em algumas universidades públicas e poucas privadas e, ainda assim, na maior parte das vezes, sem que se tenha hegemonia entre os docentes.

O PPC do currículo de 2007 defende a formação crítica e ampliada como possibilidade crítica de fazer frente às dificuldades (im)postas pelo atual modo de produção. Neste contexto propõe uma formação teórica consistente que não negará os conteúdos historicamente integrados ao campo da Educação Física, como os biomecânicos, mas que também sejam proporcionados

ANAIS DE EVENTO

os conhecimentos sócio-pedagógicos, para garantir os nexos e mediações com a realidade objetiva.

Isso pode ser avalizado pelos dados apresentados nos quadros 1 e 2, que mostra a tendência matricial dos TCCs na IES em tela. A versão curricular de 1999, que já tinha uma tendência generalista e crítica rompeu, ainda que em pequena escala, com a tradição positivista nos currículos do curso pesquisado. Apresentamos, então, o marco teórico nos TCCs das 6 turmas investigadas:

QUADRO 1 – Marco Teórico das Monografias do Currículo de 1999.

Marco Teórico das Monografias do Currículo de 1999	ANUNCIADOS	ANALISADOS
TCCs com marco teórico empírico-analítico	8.0%	38.5%
TCCs com marco teórico fenomenológico-hermenêutico	6.0%	37.1%
TCCs com marco teórico crítico-dialético	19.0%	15.8%
TCCs com marco teórico não explicitado/analísado	67.0%	8.6%

Fonte: os próprios autores

Esses dados confirmam um dos problemas que alavancou o processo de revisão curricular do curso de educação física investigado, ou seja, a preocupação com a apropriação dos alunos do currículo de 1999 dos saberes sobre as matrizes teóricas do conhecimento científico, levando-se em conta o alto percentual de trabalhos que não indicaram a postura matricial; alguns não nos permitiram identificar a matriz teórica utilizada.

Constata-se ainda, a hegemonia histórica da tendência positivista, tendo muito próximo a tendência fenomenológica. No entanto, levando-se em conta as lógicas do pensamento, esta hegemonia sustentada pela lógica formal está batida pelos TCCs elaborados sob a lógica dialética (idealista e materialista).

Assim, o avanço na estrutura curricular deste curso, a partir do currículo de 1999 remete pensar que sua sustentação teórica fez avançar a presença das teorias críticas nos TCCs de seus alunos. Gamboa (2010, p. 126), a partir de dados pesquisados no campo da pós-graduação em educação aponta que,

As abordagens dialéticas presentes na pesquisa educacional colocam-se como uma das alternativas críticas com relação às abordagens empírico-analíticas que têm dominado a produção científica na área. Sem pretender reduzir as alternativas ao falso dualismo quantidade-qualidade, é importante destacar que as críticas mais frequentes se referem ao caráter reducionista das técnicas quantitativas utilizadas pela ciência empírico-analítica.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

QUADRO 2 – Marco Teórico das Monografias do Currículo de 2007.

Marco Teórico das Monografias do Currículo de 2007	ANUNCIADOS	ANALISADOS
TCCs com marco teórico empírico-analítico	31.4%	50.3%
TCCs com marco teórico fenomenológico-hermenêutico	4.0%	23.2%
TCCs com marco teórico crítico-dialético	31.5%	22.4%
TCCs com marco teórico não explicitado/analísado	33.1%	4.1%

Fonte: os próprios autores

O movimento que denota avanço significativo neste quadro está na diminuição dos autores de TCCs que não conseguem explicitar o marco teórico de sua pesquisa, índice que se reduz em 50%, ou seja, houve maior identificação da matriz científica.

Na relação da opção pelo paradigma, segue a pesquisa empírico-analítica na sua hegemonia construída historicamente, enquanto os trabalhos dialéticos juntos beiram o mesmo patamar dos positivistas. Nos chamou a atenção o fato de que os pesquisadores positivistas e fenomenológicos foram os que mais deixaram de identificar seu marco teórico, enquanto no materialismo histórico localizou-se uma diferença de trabalhos que foram apontados para esta matriz, mas que, no entanto, na análise que fizemos a indicação não se consolidou.

Outros elementos empíricos que os TCCs apontam para o movimento curricular, objeto deste estudo, são as palavras-chave utilizadas nas monografias de um currículo e outro.

O currículo de 1999 aponta um conjunto de 189 palavras usadas para apontar os eixos desses trabalhos acadêmicos analisados, enquanto que no currículo de 2007 encontramos um rol de 290 palavras/unitermos diferentes. As palavras mais usadas nos TCCs do currículo/1999 foram: Treinamento Corporal (29); Atividade Física e Saúde (15); Escola (14); Formação Profissional (12); Prática Pedagógica (06).

No currículo de 2007, como já dito antes, há um aumento e diversificação das palavras-chave; destacam-se Educação Física (18); Exercício Físico (10); Exercício Resistido (09); Idosos (09); Gênero (07); Formação Profissional (06); Escola (05); Indústria Cultural (05); Qualidade de Vida (05). Esses dados comprovam que a formação ampliada não substitui os saberes tratados na graduação em educação física, apenas alarga as possibilidades para uma formação que dê mais consistência teórica ao futuro egresso.

O currículo de 2007 também influencia e é influenciado pela formação continuada dos docentes do curso, o que inspira as/os acadêmicas/os para que sigam na mesma direção, apesar das dificuldades de vagas na pós-graduação, em especial no Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. Ventura (2015, p. 460) diz que "A pós-graduação nesta área, em nível de Mestrado e Doutorado tem uma distribuição perversa, virando as costas para as regiões já castigadas historicamente por um processo social discriminatório". Os dados levantados junto aos TCCs nos mostram esta perspectiva.

QUADRO 3 – Movimento da Titulação Docente.

Período	Especialistas	Mestrandos	Mestres	Doutorandos	Doutores
Entre 2009/ 2010	14	02	34	01	07
Entre 2015/ 2016	08	01	13	06	17
Em 2017	04	08	15	09	22
Saíram da IES de 2009 a 2016	06	00	13	03	05

Fonte: os próprios autores

É visível a verticalização dos dados da formação continuada do quadro docente deste curso superior de Educação Física. Os que constam como tendo deixado a IES se justifica porque alguns tinham cargo temporário, outros prestaram concursos em instituições, especialmente federais, ou na própria IES, de forma que tanto os processos seletivos para docente internos como os externos alavancaram as diversas baixas no quadro docente ao longo deste tempo histórico.

Conclusão

Na análise dos PPCs deste curso encontramos na versão de 2007 a proposta da licenciatura com formação ampliada, a qual esclarece que o objetivo não seria fazer substituição de conteúdo, nem estabelecer determinações matriciais, mas qualificar as concepções teóricas a partir da postura assumida pelos acadêmicos na elaboração de sua monografia. Para tanto foram criadas 3 linhas de pesquisa, as quais abarcaram e garantiram a ampliação dos temas a serem tratados nos trabalhos de final de curso, dando possibilidades de síntese à proposta de ampliar a abordagem específica aos conhecimentos mais amplos, no trato com o conhecimento.

Os dados coletados, apresentados e analisados neste texto apontam que o objetivo de qualificar a produção do conhecimento durante a formação foi cumprido, a se levar em conta o que foi explicitado nas monografias de final de curso. Percebe-se que não há grande mudança na postura epistemológica desses TCCs no sentido da hegemonia empírico-analítica, mas há uma mobilidade na abordagem dialética que amplia a contra-hegemonia no interior do currículo, contestando os postulados positivistas.

Referências

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó, Argos, 2013.

GAMBOA, Silvio Sánchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

II JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke e SANTOS JUNIOR, Cláudio de Lira. Formação humana e formação de professores de educação física: para além da falsa dicotomia licenciatura x bacharelado. *In*: TERRA, Dinah Vasconcelos e SOUZA JÚNIOR, Marcílio (Orgs.). **Formação em educação física & ciência do esporte – políticas e cotidiano**. São Paulo, Hucitec, 2010.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso. **A educação física e sua constituição histórica – desvelando ocultamentos**. Tese de Doutorado. Goiânia, PUC-Goiás, 2010.

VENTURA, Paulo Roberto Veloso. A produção do conhecimento no interior do CBCE. *In*: RECHIA, Simone *et al.* **Dilemas e desafios da pós-graduação em educação física**. Ijuí, Unijuí, 2015.